

# Sinopse internacional n. 03, ago. 2005

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>



[www.bndes.gov.br/conhecimento/destaques.asp](http://www.bndes.gov.br/conhecimento/destaques.asp) • [sinopseinternacional@bndes.gov.br](mailto:sinopseinternacional@bndes.gov.br)

Ana Claudia Alem  
Fabrício Catermol  
Patricia Zendron  
Thais Krutman

**BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL**

**Nº 03 – AGOSTO 05**

## 1) PANORAMA MUNDIAL

### 1.1) O desempenho da economia mundial

Apesar da manutenção da alta volatilidade das cotações do petróleo e dos novos ataques terroristas, prossegue o otimismo quanto às perspectivas de crescimento da economia mundial em 2005, ainda que a uma taxa de crescimento um pouco menor do que a registrada em 2004. Os EUA e a China deverão continuar liderando o crescimento mundial. Os últimos dados disponíveis mostram taxas de inflação sob controle nos EUA, o que aponta para a manutenção da política de aumentos graduais das taxas de juros pelo FED – em agosto de 2005 a instituição elevou as taxas de juros em 0,25 ponto percentual pela décima vez consecutiva desde junho de 2004, fixando-a em 3,50%.

O FMI projeta um crescimento médio mundial da ordem de 4,00% em 2005 - ver outras projeções na Tabela 1 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos". Quanto à expansão do comércio mundial, a projeção é de uma expansão de cerca de 7,5%, ante a taxa de aumento de 9,9% em 2004. Em linhas gerais, as projeções para os próximos dois anos apontam para a manutenção das taxas de crescimento dos Estados Unidos da América (EUA) e da China – ainda que um pouco mais baixas do que as registradas em 2004 -, acompanhadas de uma progressiva recuperação dos países da Europa e da consolidação da retomada econômica do Japão, em um contexto de inflação sob controle e gradual redução do desemprego – ver Tabelas 1 e 2 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos".

## SUMÁRIO

Panorama mundial .....	1
Desempenho .....	1
Japão e leste asiático – evolução do comércio regional .....	3
Flutuação do yuan .....	5
A economia latino-americana .....	6
Evolução macroeconômica .....	6
Desempenho por países .....	8
Comércio Brasil-América Latina ....	9
Crescimento em 2004 .....	10
Perspectivas para 2005 .....	11
O setor externo brasileiro .....	11
Evolução do comércio exterior ....	11
Box: US\$1,1 bilhão em celulares. ....	14
Negociações comerciais .....	18
Brasil – Países árabes .....	18
Mercosul .....	19
ALCA .....	19
OMC .....	20
Projeções e indicadores .....	21
Projeções .....	21
Indicadores do Brasil .....	26
Indicadores de países selecionados .....	27
Outros indicadores .....	40

A Sinopse Internacional é uma publicação trimestral do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Este trabalho é de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, o ponto de vista do BNDES.  
Fechamento da edição: 12/08/2005  
Tel: 55 - 21 - 2172-7369

Para receber a Sinopse Internacional diretamente em seu e-mail, entre em contato conosco.

O Bureau Economic Analysis (BEA) dos EUA acabou de rever as taxas de crescimento real do PIB para o período 2001/2004: em média o produto norte-americano cresceu 2,8% ao ano no período, uma taxa ligeiramente inferior aos 3,1% divulgados anteriormente. Após crescer 4,2% em 2004 - melhor resultado dos últimos 5 anos -, a economia dos EUA prossegue em sua trajetória de crescimento. No segundo trimestre de 2005, o PIB registrou uma taxa de crescimento anualizada de 3,4%, ante os 3,8% observados no primeiro trimestre do mesmo ano. Os destaques foram o crescimento das exportações e do investimento privado, com taxas de expansão anualizadas de respectivamente 12,6% e 9,0%. A inflação acumulada no segundo trimestre foi de 3,2%, acima dos 2,9% do primeiro trimestre de 2005. Entretanto, excluindo-se as variações dos preços de alimentos e energia, a inflação foi de 2,0%, abaixo dos 3,0% registrados no primeiro trimestre de 2005. Para 2005, as projeções apontam para uma continuidade da trajetória de crescimento, com o PIB dos EUA apresentando uma expansão entre 3,5% e 4,0% - ver outras projeções nas Tabelas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos".

No continente asiático, a China prosseguiu no primeiro semestre de 2005 sendo o principal destaque de crescimento, apesar das medidas de contenção de crédito adotadas pelo governo. No segundo trimestre de 2005, o PIB chinês cresceu a uma taxa anualizada de 9,5%, após ter crescido 9,4% no primeiro trimestre de 2005. As exportações apresentaram um aumento de 32,7% no primeiro semestre de 2005, em comparação ao mesmo período de 2004. Os investimentos, por sua vez, apresentaram uma expansão de 25,4% no primeiro semestre de 2005, ante o igual período de 2004. Ainda que tenha sido uma taxa elevada, representou uma desaceleração em relação à taxa de crescimento no primeiro semestre de 2004 que havia sido da ordem de 40%. Mesmo que haja alguma desaceleração das taxas de crescimento do PIB no segundo semestre, é provável que o crescimento em 2005 fique consideravelmente acima da meta oficial de 8%. Apesar do forte crescimento no primeiro semestre, a inflação apresentou uma variação acumulada de apenas 1,6% em junho – taxa anualizada -, a menor registrada no ano de 2005.

Para 2005, as projeções apontam para uma taxa de crescimento da ordem de 9% - ver outras projeções nas Tabelas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 da seção "Projeções e Indicadores Econômicos".

O desempenho da China continua sendo fundamental para aumentar as exportações de outros países asiáticos, tendo em vista que suas taxas mais altas de investimento refletiram-se em uma maior demanda de matérias-primas e bens de capital fornecidos pela região, bem como de bens intermediários destinados a re-exportação – veja a subseção 1.2 a seguir.

No Japão, após uma década de estagnação, o país parece ter finalmente ingressado em uma fase de crescimento sustentado. Após ter crescido cerca de 2,0% em 2003 e 3,0% em 2004, a maioria das projeções aponta para uma taxa de crescimento da ordem de 2,0% em 2005 e 2006. Apesar de o início da recuperação japonesa ter sido liderado principalmente pelas exportações, atualmente a manutenção do crescimento têm sido sustentada também pela expansão dos investimentos e por um ainda tênue crescimento do consumo privado. A queda contínua das vendas externas japonesas para os EUA (principalmente de automóveis e outros bens de consumo) tem sido largamente compensada pelas exportações para outros países asiáticos (bens de capital e produtos de alta tecnologia) – com destaque para a China, veja subseção 1.2. O aumento das exportações tem incentivado a expansão dos investimentos que têm apresentado taxas de crescimento positivas desde 2003. A contínua deflação dos preços ao consumidor tem permitido a manutenção de taxas de juros

próximas a zero. A taxa de desemprego japonesa em junho foi de 4,2%, abaixo dos 4,6% de 2004, e dos 5,1% registrados em 2003. Esta foi a menor taxa registrada desde 1999.

Para 2005, a média das projeções aponta para uma taxa real de crescimento do PIB da ordem de 2% - ver as Tabelas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.

Na Índia, os indicadores de nível de atividade prosseguem em alta. Após um crescimento de real de 7% em 2004, o desempenho da economia no primeiro semestre de 2005 aponta para uma mesma taxa de crescimento no ano corrente. A inflação continua sob controle e projeta-se uma taxa acumulada da ordem de 4% em 2005. As taxas de juros básicas da economia vêm sendo gradualmente reduzidas nos últimos anos e encontram-se atualmente em torno de 6,00% ao ano, o que tem contribuído para o aumento da demanda agregada da economia.

Em relação à União Européia, na zona do Euro, os sinais de recuperação ainda são muito tênues: após ter crescido 2% em 2004, as projeções apontam para um crescimento menor, da ordem de 1,5% em 2005 – ver seção “Projeções e Indicadores Econômicos”. Em junho, a taxa de desemprego média da região foi de 8,7%, menor nível desde agosto de 2003. No Reino Unido, após o PIB registrar no segundo trimestre de 2005 o menor crescimento em 12 anos (1,7%), o Banco Central decidiu reduzir as taxas de juros em 0,25 ponto percentual, para 4,5% ao ano. O Banco Central Europeu, por sua vez, manteve as taxas de juros básicas em 2,0% ao ano.

Em relação à América Latina, os resultados de 2004 confirmaram as estimativas da CEPAL, com destaque para a consolidação da recuperação Argentina – para mais informações, ver a seção “A Economia Latino-americana”. As taxas de crescimento apresentaram elevação em relação às taxas moderadas observadas em 2003. Brasil, México, Venezuela, Chile e Uruguai são países que se destacaram neste sentido. As exportações continuam sendo o componente mais dinâmico da demanda, especialmente tendo em vista as elevadas cotações das *commodities* e a continuidade da expansão mundial. Para 2005, a Cepal projeta uma taxa de crescimento média da ordem de 4,3% para a região – ver este e outros números na Tabela 1 da seção “Projeções e Indicadores Econômicos”.

## 1.2) Japão e o leste asiático: como tem evoluído o comércio regional?

A evolução do comércio teve um importante papel tanto no “estouro” da crise asiática quanto no período de recuperação. A existência de fortes laços comerciais regionais foi fundamental para o efeito-contágio, principalmente, tendo em vista que a estabilidade cambial era um ingrediente essencial para a integração regional. Na recuperação, a mesma interdependência regional contribuiu para reforçar a retomada das taxas de crescimento das exportações e do PIB, funcionando como um efeito multiplicador dos ganhos advindos do aumento da competitividade a partir do ajuste cambial e do aumento da demanda dos EUA.

As tabelas abaixo mostram a estrutura do comércio dos países asiáticos. Fora da região, o principal destino das exportações do leste asiático – incluindo China e Japão - é os Estados Unidos. Com exceção da China, observa-se um aumento da participação das exportações para a Ásia no total exportado pelos países, incluindo o Japão. Em relação às importações, a principal origem é a Ásia, inclusive para a China e o Japão. Com exceção da China, os EUA perderam importância no comércio do leste asiático, havendo um aumento do comércio regional.

Tabela 1.1: Destino das Exportações - Part.% no total (1990 e 2003)

DelPara	Ásia		Europa Ocidental		América do Norte e América Central		Resto do Mundo	
	1990	2003	1990	2003	1990	2003	1990	2003
China	69	47	10	17	10	24	11	12
Hong Kong (China)	47	60	20	14	27	21	6	5
Coréia do Sul	35	51	15	13	33	23	16	12
Taiwan	38	59	18	14	36	20	8	6
Indonésia	68	60	12	14	14	15	6	11
Malásia	60	59	16	13	18	22	6	7
Filipinas	38	59	19	15	40	23	4	3
Cingapura	51	61	16	14	23	16	10	9
Tailândia	39	55	24	16	25	19	11	11

Fonte: Asian Development Bank (ADB).

Vale ressaltar a inserção chinesa no comércio regional: é uma importadora líquida dos países da região. Esta posição é viabilizada pelos superávits obtidos pela China com os Estados Unidos.

Tabela 1.2: Destino das Importações - Part.% no total (1990 e 2003)

DelPara	Ásia		Europa Ocidental		América do Norte e Central		Resto do Mundo	
	1990	2003	1990	2003	1990	2003	1990	2003
China	52,7	56,4	18,1	13,7	16,0	9,9	13,3	20,0
Hong Kong (China)	75,7	80,7	12,2	9,7	8,6	6,2	3,5	3,4
Coréia do Sul	35,2	50,7	13,1	12,0	25,4	16,1	26,3	21,2
Taiwan	43,6	58,2	17,5	12,8	24,9	14,4	14,0	14,5
Indonésia	49,6	60,3	21,7	13,0	13,7	7,7	15,0	19,0
Malásia	56,2	69,3	17,4	11,5	18,1	12,8	8,4	6,4
Filipinas	46,3	60,2	12,5	8,9	21,1	19,4	20,2	11,5
Cingapura	52,4	57,7	15,3	14,3	17,0	15,0	15,4	13,0
Tailândia	58,4	59,9	18,3	11,1	12,1	10,4	11,1	18,7

Fonte: Asian Development Bank (ADB).

Em termos de sua estrutura de comércio, o Japão, dos anos 1950 até a metade da década de 1980, caracterizou-se por ser basicamente importador de matérias-primas para suas indústrias e exportador de manufaturados para os EUA e para a Europa. Esse panorama se alterou, graças ao novo ciclo de investimento direto externo. Os países do sudeste asiático se tornaram mercados de importação importantes de maquinário e componentes para plantas industriais de filiais japonesas, atraídas por salários mais baixos, e, em troca, remetiam bens acabados para os países industrializados, inclusive o Japão. Também foi importante a implantação de fábricas nos EUA e na Europa com o intuito de saltar barreiras não-tarifárias e reduzir atritos comerciais.

O aumento do comércio com o Sudeste da Ásia, particularmente depois de 1998, fez com que a região tomasse a posição tradicionalmente detida pelos EUA de principal sócio comercial do Japão, respondendo, em 2002, pelo destino de 44,9% de suas exportações e 42,4% das importações. O grande destaque neste período foi a China. As vendas de produtos japoneses para este país mais do que dobraram entre 1990 e 1998 e novamente repetiram esta façanha entre 1998 e 2003.

Neste último ano o mercado chinês era diretamente responsável por 12,2% das exportações japonesas. Ao mesmo tempo, as compras do Japão na China quase quadruplicaram em termos percentuais entre 1991 e 2002 passando a responder por quase 20% do total das compras japonesas no exterior, superando a importância do mercado americano.

**Tabela 1.3: Comércio Exterior do Japão por Origem e Destino (%)**

	Exportações			Importações		
	1990	1998	2003	1991	1998	2002
EUA	32	31	25	22	26	15
Sudeste Ásia	28	28	45	22	24	42
China	2	5	12	5	14	20
União Européia	20	18	15	16	15	13
Outros	21	23	15	40	36	29
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: METI, Governo do Japão.

O desempenho chinês tem sido fundamental para aumentar as exportações de outros países asiáticos. A China afirma-se não apenas como um país asiático inserido na divisão do trabalho americana, mas como um centro regional com política econômica autônoma. A China crescentemente se fortalece como principal produtora de manufaturas baratas e grande mercado para a produção mundial de máquinas e equipamentos, indústrias de tecnologia e matérias-primas. Este duplo papel tem gerado importante impacto sobre a região asiática.

### 1.3) China permite a flutuação do Yuan

Após 11 anos de manutenção de uma cotação fixa, o Banco Popular da China promoveu em julho um ajuste da taxa de câmbio yuan/dólar, que passou de 8,28 yuans para 8,11 yuans por dólar, o que representou uma pequena valorização de 2,1% da moeda chinesa. Simultaneamente ao ajuste, a China anunciou a adoção de um sistema administrado de câmbio flutuante baseado em uma cesta de moedas. Não há ainda detalhes sobre a cesta de moeda que será usada como referência, mas a faixa de flutuação diária do yuan em relação ao dólar permanecerá em 0,3% e a paridade entre as moedas será divulgada diariamente. A iniciativa chinesa levou muitos especialistas a acreditarem no início de um processo contínuo de correção do yuan. Entretanto, várias declarações das autoridades chinesas têm deixado claro que apesar da medida representar um aumento da flexibilidade do sistema cambial chinês, não há a intenção de promover outros ajustes que prejudiquem a estabilidade do câmbio e, conseqüentemente o desempenho econômico. Na China, a combinação de uma taxa de câmbio estável e depreciada com baixas taxas de juros tem garantido há vários anos um ambiente macroeconômico extremamente favorável ao crescimento econômico.

## 2) A ECONOMIA LATINO-AMERICANA

De acordo com os dados divulgados pelos bancos centrais dos seis maiores países da América Latina<sup>2</sup>, o PIB da região cresceu aproximadamente 6,11% em 2004, frente a uma expansão de cerca de 1,50% no ano anterior. Esta taxa de crescimento foi a mais elevada desde 1980. Neste primeiro trimestre de 2005, a expansão das economias dos seis maiores países da América Latina ultrapassou ligeiramente os 3,6% frente ao mesmo trimestre do ano passado.

O crescimento deste período foi impulsionado pela expansão das exportações (+25,1% em 2004 e +17,5% no primeiro trimestre de 2005), que foram beneficiadas pelos altos preços dos produtos básicos exportados pela região. Isto desencadeou aumento dos investimentos (+15,16% em 2004 e +9,29% no primeiro trimestre de 2005) e diminuição da taxa de desemprego, com impactos positivos sobre o consumo (+6,44% em 2004 e +5,13% no primeiro trimestre de 2005). A taxa média de inflação baixou de cerca de 10,6% em 2003 para 6,4% em 2004, e no primeiro trimestre de 2005 acumulou variação de 3,0%.

As projeções apontam para continuidade da expansão econômica iniciada há dois anos, embora em menor ritmo, com 4,3% de crescimento (ver seção “Projeções e indicadores econômicos”).

### 2.1) Evolução macroeconômica

De acordo com os dados divulgados pelos bancos centrais das seis maiores economias da América Latina, o PIB da região cresceu aproximadamente 6,11% em 2004, frente a uma expansão de cerca de 1,50% no ano anterior. No primeiro trimestre de 2005, os dados sugerem uma desaceleração no ritmo de crescimento. A expansão do produto interno bruto foi de 3,64% frente ao mesmo período de 2004. Este desempenho vai ao encontro das projeções realizadas a partir de final de 2004, que já indicavam redução no dinamismo da região.

O crescimento em 2004 foi impulsionado pela expansão das exportações (+25,1%), que foram beneficiadas pelos altos preços dos produtos básicos exportados pela região. Isto desencadeou aumento dos investimentos (+15,16%) e diminuição da taxa de desemprego para 8,7%, com impactos positivos sobre o consumo (+6,44%).

Não obstante a desaceleração do crescimento no primeiro trimestre de 2005, os investimentos (+9,29%) e o consumo (+5,13%) vêm apresentando taxas de expansão expressivas na comparação com o primeiro trimestre de 2004.

O bom desempenho das economias latino-americanas permitiu que os governos elevassem o superávit primário e reduzissem o déficit nominal (que inclui os gastos com juros da dívida pública). Nos seis países analisados, o déficit nominal caiu de 2,7% do PIB em 2003 para 1,13% do PIB em 2004. Tal resultado decorreu principalmente da elevação das receitas.

A taxa de câmbio real foi mantida relativamente estável ao longo de 2004. Na América do Sul, houve apreciação real da taxa de câmbio efetiva, especialmente durante o segundo semestre, com a desvalorização do dólar.

<sup>2</sup> México, Brasil, Argentina, Venezuela Colômbia e Chile respondem por mais de 90% do Produto Interno Bruto da América Latina. Optou-se nesta seção por utilizar o desempenho deste grupo de países como uma aproximação para o comportamento da região como um todo.



As taxas de inflação continuaram em trajetória de queda. Em 2004, a taxa média nos países selecionados ficou em 6,4% comparada com os 10,6% registrados em 2003. Destacaram-se as reduções na Venezuela, Brasil e Argentina. Alguns países sofreram aumento da taxa de inflação, porque o aumento de cotações de produtos básicos pressionou os preços domésticos. Em 2005, os aumentos de preços se intensificaram. A inflação acumulada no primeiro trimestre nos seis maiores países da América Latina já atingiu 3,0%.

O valor das exportações aumentou 25,1% em 2004, crescimento muito superior aos 8,6% registrados em 2003. No primeiro trimestre de 2005, as vendas externas cresceram 17,5% frente ao primeiro trimestre de 2004, com destaque para o aumento de 35% das exportações da Venezuela e da Colômbia. De acordo com a CEPAL, a expansão em 2004 e 2005 decorreu de aumentos de preço e volume, embora naqueles países em que a pauta se concentra mais em produtos básicos o fator preço tendeu a ser mais relevante. Na avaliação da instituição, porém, grande parte das vendas externas decorreu da capacidade de oferta de um conjunto limitado de produtos agrícolas e minerais em uma conjuntura externa favorável. Na Argentina e no Brasil, o crescimento das exportações manufatureiras foi relevante. O México e a Venezuela recuperaram-se dos níveis deprimidos de exportação.

O valor importado expandiu-se em 19,1% em 2004, frente um crescimento de 3,7% em 2003. Com este aumento, as importações superaram o máximo registrado no ano 2000. No primeiro trimestre de 2005, as compras externas continuaram crescendo no mesmo ritmo: 18,6% em relação ao mesmo período de 2004. Todos os países aumentaram as importações, em especial Venezuela (86% em 2004 e 56% em 2005) e Argentina (54% em 2004 e 29% em 2005). No México, Venezuela e Mercosul, predominou o efeito do *quantum* importado, dado os níveis anormalmente baixos anteriores.

O saldo em conta corrente atingiu US\$ 21,89 bilhões em 2004 ou 1,3% do PIB nos seis maiores países da América Latina (três vezes o valor de 2003). Venezuela e Brasil foram os países que mais contribuíram para este resultado. Apenas México e Colômbia registraram déficit. No primeiro trimestre de 2005, os países analisados já acumularam US\$ 4,56 bilhões de superávit. Considerando somente Venezuela e Brasil, o superávit foi de US\$ 7,31 bilhões.

O investimento externo direto (IED) totalizou US\$ 41 bilhões em 2004 nas seis maiores economias da América Latina. Destacaram-se a retomada dos fluxos para Argentina e o crescimento de 344% dos fluxos para o Chile. Apenas o Brasil registrou queda do ingresso de IED. No primeiro trimestre de 2005, os seis países receberam US\$ 9,86 bilhões.

As reservas internacionais totalizaram US\$ 187,16 bilhões em dezembro de 2004 nos seis países pesquisados, o que significou um incremento de 9,9% em relação ao ano anterior. No primeiro trimestre de 2005, excluindo-se o México, o volume total de reservas cresceu 9,1%. Já a dívida externa dos países analisados alcançou US\$ 666 bilhões em dezembro de 2004, e no primeiro trimestre de 2005, seu crescimento foi de 0,9%.

Quanto ao mercado de trabalho, houve aumento na geração de empregos, pois o crescimento econômico elevou a demanda por trabalho. Por outro lado, a expansão da oferta de mão-de-obra foi menos acentuada do que em 2003. Assim, a taxa de desemprego na região diminuiu de 10,7% em 2003 para 8,7% em 2004, o que correspondeu à maior redução desde 1986. No primeiro trimestre de 2005, os governos re-



gistraram nova queda nos índices de desemprego, de aproximadamente 0,3 ponto percentual para a região.

Esta melhoria no emprego, entretanto, se concentrou em alguns países como Argentina, Brasil e Venezuela. Em outros, a expansão da oferta de mão de obra levou a aumento da taxa de desemprego. Em relação aos salários reais, houve discreta melhora, de cerca 0,9% em 2004. A melhora do poder aquisitivo não foi expressiva, mas interrompeu a trajetória anterior de queda e os índices de pobreza tiveram moderada redução.

## 2.2) Desempenho por países

A expansão econômica da América Latina em 2004 superou as expectativas. As seis maiores economias registraram taxa de crescimento acima de 4,5%.

A Venezuela cresceu 18% em 2004, liderando a expansão da região. A economia se recuperou de uma severa crise, que fez o país atingir níveis de demanda muito baixos. No primeiro trimestre de 2005, a economia registrou expansão de 8% sobre o mesmo período de 2004. Destacaram-se a retomada do consumo (+16,6% em 2004 e +12,2% no primeiro trimestre de 2005) e do investimento (+43% em 2004 e +39% no primeiro trimestre de 2005). Como a Venezuela é grande produtora e exportadora de petróleo, o aumento da cotação internacional contribuiu para o bom resultado.

Na Argentina, a recuperação da demanda interna e dos investimentos para os níveis que antecederam à crise econômica de 2001 garantiu um alto crescimento em 2004 e no início de 2005. A expansão de 9% em 2004 e de 8% no primeiro trimestre de 2005 foi explicada pela manutenção de altas taxas de crescimento da demanda externa e pelo impulso da demanda interna. A queda do desemprego e o aumento da remuneração permitiram grande expansão do consumo (+8,3% em 2004 e +7,4% no primeiro trimestre de 2005).

**Tabela 2.1: Crescimento do PIB na América Latina por países - 2004 e 2005 I**

	2004	2005 I
Argentina	9,0	8,0
Brasil	4,9	2,9
Chile	6,1	5,8
Colômbia	4,5	3,6
México	4,9	2,4
Venezuela	17,9	7,9
<b>América Latina</b>	<b>6,1</b>	<b>3,6</b>

O Brasil, por sua vez, cresceu 4,9% em 2004 e 2,9% no primeiro trimestre de 2005. Ao dinamismo das exportações exibido desde 2003 somou-se a recuperação do mercado interno.

Já o México foi beneficiado pela expansão da demanda norte-americana e, como o Brasil, registrou expansão de 4,9% em 2004. Houve reativação da produção das maquiladoras e crescimento expressivo dos investimentos em máquinas e equipamentos e na construção civil (+10,9%). O consumo (+7%) foi impulsionado pela ex-

pansão do crédito e pelo aumento das remessas de não residentes. No primeiro trimestre de 2005, o produto interno bruto mexicano expandiu-se 2,4% em relação ao mesmo período de 2004, com grande contribuição do investimento (+6,5%) e do consumo (5,4%).

Nos países andinos, a expansão da atividade econômica esteve ligada aos setores produtores de *commodities* (hidrocarbonetos, metais e minerais), bem como o aumento da demanda interna, especialmente dos investimentos. Embora quantitativamente pouco relevantes, as exportações de manufaturados cresceram consideravelmente (dinamizando estes setores), tendo em vista os acordos comerciais firmados com os EUA.

No Mercosul, o crescimento econômico esteve relacionado com a recuperação da demanda interna da Argentina, Brasil e Uruguai e com a persistente demanda externa por bens agropecuários como soja e derivados, carne e lã.

### 2.3) Comércio entre o Brasil e a América Latina

O comércio entre o Brasil e os países da Associação Latino-Americana de Integração<sup>3</sup> (Aladi) foi amplamente favorável ao Brasil em 2004 e no primeiro semestre de 2005.

O superávit comercial atingiu US\$ 9,68 bilhões em 2004, o que significou um crescimento de 105% em relação ao ano de 2003. No primeiro semestre de 2005, o superávit comercial somou US\$ 6,23 bilhões, o que significou uma expansão de 54,6% em relação ao mesmo período de 2004, apesar da base de comparação já estar elevada. Com estes resultados, a Aladi respondeu por cerca de 50% do aumento do saldo comercial brasileiro no período. Em 2004, predominou a contribuição do Mercosul e em 2005 destacaram-se os outros países da Aladi, como Chile e Colômbia.

As exportações brasileiras para Aladi cresceram 52,5% em 2004 e 35,7% no primeiro semestre de 2005 frente ao mesmo período do ano anterior. Em 2005 até junho, as exportações somaram US\$ 11,7 bilhões. A participação destes países no total exportado pelo Brasil aumentou de 17,7% em 2003 para 20,4% em 2004 e 21,7% no primeiro semestre de 2005. As vendas para a Argentina, México, Venezuela e Chile foram as que mais contribuíram para esta expansão.

O aumento das vendas é explicado pelo comportamento dos bens manufaturados, visto que eles respondem por 88% da pauta de exportação brasileira para a Aladi. A recuperação econômica da região foi fundamental para este desempenho, principalmente considerando que a demanda por manufaturas aumenta muito quando há expansão da renda.

As importações do Brasil com origem na Aladi, por sua vez, expandiram-se em 22% em 2004 e 19% no primeiro semestre de 2005. Elas somaram US\$ 10 bilhões em 2004, retomando ao volume registrado em 2001. As importações da Argentina e do Chile foram as que mais contribuíram para este resultado, sendo que a Argentina contribuiu com cerca de 50% do crescimento total em ambos os períodos. Esta elevação, porém, não evitou que a participação da Aladi nas importações brasileiras caísse de 17% em 2003 para pouco menos de 16% no ano passado. Os dados de 2005 mostraram estabilidade nesta participação.

<sup>3</sup> México, Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Chile e Argentina são os países participantes da Aladi.

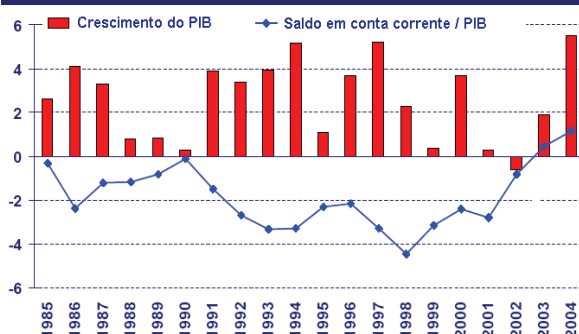
Quanto às importações oriundas do Mercosul sua taxa de crescimento foi de 12,5% em 2004 frente ao ano anterior e de 15,2% no primeiro semestre de 2005. Ambas as taxas foram inferiores à expansão das exportações totais nas mesmas comparações. Isto explica a reversão do saldo comercial negativo de US\$ -12,9 milhões em 2003 para um superávit expressivo em 2004, de US\$ 2,5 bilhões. No primeiro semestre de 2005, o superávit com o Mercosul atingiu quase US\$ 2 bilhões.

#### 2.4) Características do crescimento em 2004

O Balanço Preliminar das Economias da América Latina e o Caribe, publicado em dezembro de 2004 pela CEPAL, destacou duas características que distinguem o atual processo de recuperação econômica dos anteriores:

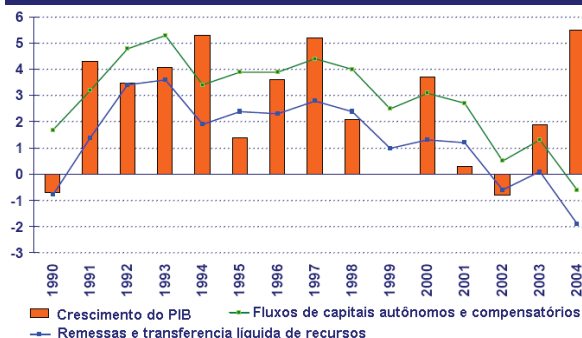
- Nos últimos dois anos, o crescimento do PIB foi acompanhado de um saldo positivo na conta corrente do balanço de pagamentos (ver gráfico 2.1); e
- o crescimento do PIB ocorreu simultaneamente à saída de capitais (ver gráfico 2.2).

**Gráfico 2.1: Crescimento do PIB e Saldo em conta corrente na América Latina 1985-2004**



Fonte: CEPAL

**Gráfico 2.2: Ingressos de capital e taxas de crescimento na América Latina 1990-2004**



Fonte: CEPAL

O crescimento em 2004 foi liderado pela expansão das exportações em 25,1%. O incremento do *quantum* exportado e a melhora dos termos de troca, que elevaram o poder de compra das exportações, permitiram aumentar a demanda por importações (+19,1%)<sup>4</sup> mantendo um significativo superávit comercial. Já os investimentos cresceram cerca de 15% no mesmo ano, devido à recuperação econômica, à redução de capacidade ociosa na indústria e aos baixos níveis de investimento prévio. Os investimentos em máquinas e equipamentos, em sua grande maioria produtos importados, também foram favorecidos pelo câmbio, pelas menores taxas de juros e pela maior disponibilidade de crédito. O investimento como proporção do PIB atingiu 20%, patamar considerado baixo mas que representa significativo aumento em relação ao passado recente. Por sua vez, o consumo privado aumentou 6,44%, um desempenho importante considerando o baixo dinamismo apresentado nos últimos anos. Somente em 1994 e 1997 esta marca foi superada. O consumo público se manteve e o consumo privado foi estimulado pelo aumento do emprego e pela discreta melhora da remuneração do trabalho.

<sup>4</sup> As taxas de crescimento apresentadas são baseadas na evolução verificada nas seis maiores economias da América Latina, conforme declarado pelos bancos centrais dos respectivos países.

A partir de 2003, as condições externas favoráveis levaram a um aumento dos termos de troca e do poder de compra das exportações. A elevada rentabilidade das vendas externas estimulou sua oferta e, deste modo, as exportações se tornaram o impulso inicial para a recuperação econômica. Aos poucos, este impulso se refletiu em aumento dos investimentos, especialmente em setores produtores de bens comercializáveis. Já a reação do consumo precisou esperar o início do aumento do emprego e dos salários reais. Muitos analistas consideram que a demanda interna custou a reagir, pois somente em 2004 mostrou sinais de dinamismo. As altas taxas de desemprego, os baixos salários reais e a baixa utilização da capacidade instalada são fatores que contribuíram para lentidão da resposta.

O crescimento atual possui dois aspectos positivos. Em primeiro lugar, ele está associado à formação bruta de capital. Esta característica é desejável, porque reduz os riscos de interrupção da expansão por conta de limitações da oferta agregada. Além disso, o superávit comercial que caracteriza este ciclo não decorre da contração das importações (como em episódios anteriores), mas do dinamismo das exportações. Deste modo, diminui-se o risco do crescimento econômico levar a uma rápida deterioração das contas externas, visto que há margem para a expansão das importações e estas não estão partindo de níveis deprimidos.

### 2.5) Perspectivas para 2005

As previsões indicam que o contexto externo deve continuar sendo positivo, porém com uma pequena desaceleração do crescimento de economias chave como China, Estados Unidos, Japão e Zona do Euro<sup>5</sup>. Para a América Latina e o Caribe, a perspectiva é de continuidade da expansão econômica iniciada há dois anos, embora em menor ritmo (cerca de 4,3% de acordo com as projeções da seção “Projeções e indicadores macroeconômicos”).

A grande dúvida dos analistas é em que medida o crescimento latino-americano pode ser considerado sólido e capaz de se manter além do curto prazo e das condições extremamente favoráveis do mercado internacional. A CEPAL, no Balanço Preliminar das Economias da América Latina e o Caribe, elencou os seguintes motivos para se acreditar que o ciclo de crescimento seja sustentável: (i) o contexto macroeconômico interno saudável; (ii) o efeito multiplicador e a existência de consumo reprimido, devido aos baixos salários e o desemprego, podendo desencadear um novo aumento da demanda; (iii) o superávit em conta corrente, que permite um crescimento mais elevado sem pressionar as contas externas.

Para CEPAL, a América Latina e o Caribe devem aproveitar a conjuntura de altos preços internacionais que viabilizou o excedente em conta corrente, para fazer mudanças estruturais em sua economia e alterar o seu padrão de inserção internacional. A proposta é reduzir a dependência de recursos naturais, com baixo valor agregado.

## 3) O SETOR EXTERNO DA ECONOMIA BRASILEIRA

### 3.1) Evolução do comércio exterior

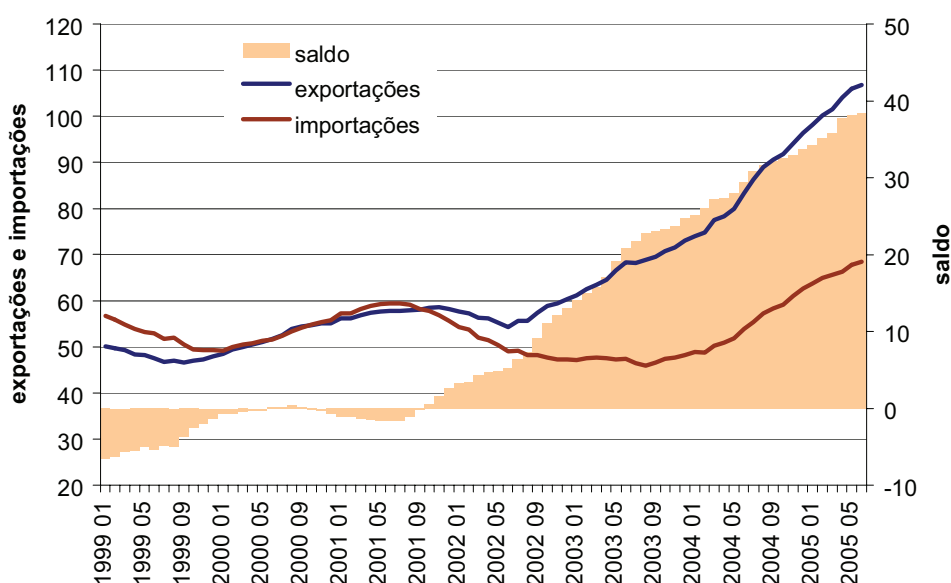
A balança comercial brasileira apresentou excelente desempenho no primeiro semestre de 2005. As exportações de US\$ 53.677 milhões constituíram valor recorde, com crescimento de 23,9% em relação a 2004. As exportações brasileiras registraram

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre as projeções, ver seção “Panorama mundial”.

pela primeira vez valor superior a US\$ 106 bilhões no acumulado de doze meses. O saldo comercial também foi recorde histórico, tanto no semestre (US\$ 19.667 milhões) quanto em doze meses (US\$ 38.330 milhões). O bom desempenho permaneceu durante todo o período, não perdendo fôlego em qualquer mês — ver Gráfico 3.1. Como em meses anteriores, as exportações registraram valor recorde também em junho, totalizando US\$ 10.206 milhões. Este valor representou um aumento de 4,4% pela média diária em relação ao mesmo mês em 2004.

Gráfico 3.1

**Balança comercial do Brasil: janeiro de 1999 a junho de 2005**  
(acumulado 12 meses em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MDIC/Secex

Os principais destinos das exportações brasileiras no semestre foram Estados Unidos, Argentina e China. As exportações para a Argentina cresceram 25,4%. No ano passado as vendas àquele país já haviam crescido mais de 60%, havendo a recuperação do intercâmbio comercial existente anteriormente aos anos de crise.

O aumento das exportações brasileiras ocorreu em todos os principais blocos econômicos e permanece o movimento de diversificação de destinos das exportações. No mês de junho de 2005 ocorreram crescimentos superiores a 100% nas vendas para vários países com exportações brasileiras mensais inferiores a US\$ 10 milhões, como Somália, Iraque, Tanzânia, Gabão, Vietnã e Burkina Faso.

As exportações para países da América Latina cresceram 36% no primeiro semestre de 2005 em relação ao mesmo período do ano passado — ver Tabela 3.1. As vendas para países da ALADI somaram US\$ 11,7 bilhões e ficaram em segundo lugar no semestre, superando as vendas para os Estados Unidos (US\$ 10,9 bilhões). O principal bloco de países no destino das exportações brasileiras foi a União Européia, com US\$ 12,8 bilhões.

A participação das exportações para o Mercosul sobre o total da pauta brasileira cresceu de 9,2% em 2004 para 10,0% em 2005. As exportações brasileiras para a Argentina representaram 85% do total vendido ao Mercosul.

Tabela 3.1

Balança Comercial Brasileira por Blocos Econômicos: primeiros semestres de 2005 e 2004 (em US\$ milhões)						
	Exportações		Var. %	Importações		Var. %
	2005	2004	2005/04	2005	2004	2005/04
<b>União Européia</b>	<b>12.760</b>	<b>11.199</b>	<b>13,9</b>	<b>8.865</b>	<b>7.280</b>	<b>21,8</b>
Holanda	2.455	2.373	3,5	286	256	11,8
Alemanha	2.378	1.974	20,4	2.953	2.319	27,3
Itália	1.636	1.475	10,9	1.152	926	24,4
<b>EUA*</b>	<b>10.871</b>	<b>8.812</b>	<b>23,4</b>	<b>6.113</b>	<b>5.471</b>	<b>11,7</b>
<b>ALADI</b>	<b>11.659</b>	<b>8.592</b>	<b>35,7</b>	<b>5.433</b>	<b>4.564</b>	<b>19,0</b>
<b>MERCOSUL</b>	<b>5.358</b>	<b>3.981</b>	<b>34,6</b>	<b>3.397</b>	<b>2.949</b>	<b>15,2</b>
Argentina	4.548	3.281	38,6	2.984	2.552	16,9
Uruguai	415	305	36,3	241	239	0,8
Paraguai	395	396	-0,3	173	159	9,2
Bolívia	270	243	11,4	402	302	33,2
Venezuela	1.017	588	73,0	110	72	52,4
Peru	450	265	69,3	231	162	42,7
Equador	340	202	68,5	42	38	10,0
Colômbia	673	466	44,3	72	56	28,5
Chile	1.486	1.120	32,7	759	631	20,3
México	1.955	1.667	17,3	397	330	20,1
Cuba	109	61	79,2	23	24	-3,6
<b>Ásia</b>	<b>7.916</b>	<b>6.786</b>	<b>16,7</b>	<b>7.479</b>	<b>5.262</b>	<b>42,1</b>
China	2.709	2.901	-6,6	2.272	1.492	52,3
Japão	1.633	1.220	33,9	1.629	1.284	26,9
Índia	546	169	223,2	550	206	167,3
<b>África</b>	<b>2.652</b>	<b>1.845</b>	<b>43,7</b>	<b>3.126</b>	<b>2.766</b>	<b>13,0</b>
África do Sul	625	409	53,0	152	123	23,9
Nigéria	410	215	90,7	1.549	1.659	-6,6
<b>Oriente Médio</b>	<b>1.827</b>	<b>1.730</b>	<b>5,6</b>	<b>899</b>	<b>943</b>	<b>-4,7</b>
Irã	507	532	-4,8	1	1	59,5
Arábia Saudita	470	355	32,4	570	430	32,5
<b>Europa Oriental</b>	<b>1.832</b>	<b>1.083</b>	<b>69,2</b>	<b>465</b>	<b>533</b>	<b>-12,7</b>
Rússia	1.424	690	106,4	282	346	-18,7
Romênia	125	195	-36,0	11	2	364,9
<b>Demais</b>	<b>4.160</b>	<b>3.260</b>	<b>27,6</b>	<b>1.630</b>	<b>1.485</b>	<b>9,8</b>
<b>Total</b>	<b>53.677</b>	<b>43.307</b>	<b>23,9</b>	<b>34.010</b>	<b>28.304</b>	<b>20,2</b>

Fonte: MDIC/Secex

\* inclui Porto Rico.

Nos primeiros seis meses de 2005, as exportações brasileiras apresentaram desempenho recorde nas três categorias de valor agregado. Os maiores crescimentos relativos ocorreram nas categorias de produtos manufaturados (30,4%) e seminmanufaturados (31,3%), enquanto os básicos cresceram 8,4%.



Os manufaturados aumentaram sua participação na pauta, chegando a 55,9% do total exportado em 2005. Nos segmentos de bens manufaturados, os principais produtos exportados foram: automóveis de passageiros (US\$ 2.028 milhões), aparelhos transmissores e receptores (US\$ 1.334 milhões), aviões (US\$ 1.180 milhões), autopeças (US\$ 1.167 milhões), laminados planos (US\$ 1.120 milhões), motores para veículos (US\$ 1.117 milhões) e calçados (US\$ 968 milhões).

Tabela 3.2

Exportações brasileiras por fator agregado: primeiros semestres de 2005 e 2004 (em US\$ milhões)					
	2005	2004	Var. % 2005/04	Participação %	
				2005	2004
<b>Básicos</b>	<b>14.816</b>	<b>13.663</b>	<b>8,4</b>	<b>27,6</b>	<b>31,5</b>
Minério de ferro	3.073	2.080	47,7	5,7	4,8
Soja em grão	2.419	3.032	-20,2	4,5	7,0
Carne de frango	1.445	1.175	23,0	2,7	2,7
Farelo de soja	1.354	1.737	-22,0	2,5	4,0
Café em grão	1.261	742	69,9	2,3	1,7
<b>Industrializados</b>	<b>37.836</b>	<b>28.974</b>	<b>30,6</b>	<b>70,5</b>	<b>66,9</b>
<b>Semimanufaturados</b>	<b>7.815</b>	<b>5.951</b>	<b>31,3</b>	<b>14,6</b>	<b>13,7</b>
Ferro e aço	1.347	922	46,1	2,5	2,1
Açúcar bruto	1.072	519	106,6	2,0	1,2
Celulose	964	832	15,9	1,8	1,9
Ferro fundido	890	316	181,6	1,7	0,7
Couros e peles	673	629	7,0	1,3	1,5
<b>Manufaturados</b>	<b>30.021</b>	<b>23.023</b>	<b>30,4</b>	<b>55,9</b>	<b>53,2</b>
Automóveis	2.028	1.454	39,5	3,8	3,4
Apar. transm./recep.	1.334	595	124,2	2,5	1,4
Aviões	1.180	1.552	-24,0	2,2	3,6
Autopeças	1.167	877	33,1	2,2	2,0
Laminados planos	1.120	890	25,8	2,1	2,1
<b>Operações especiais</b>	<b>1.025</b>	<b>670</b>	<b>53,0</b>	<b>1,9</b>	<b>1,5</b>
<b>Total</b>	<b>53.677</b>	<b>43.307</b>	<b>23,9</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC/Secex

Além do crescimento das exportações nos principais produtos da pauta brasileira, há também contínuo movimento de diversificação de produtos nas vendas brasileiras. No primeiro semestre de 2005, foram exportados 130 tipos de produtos a mais que no mesmo período do ano passado.

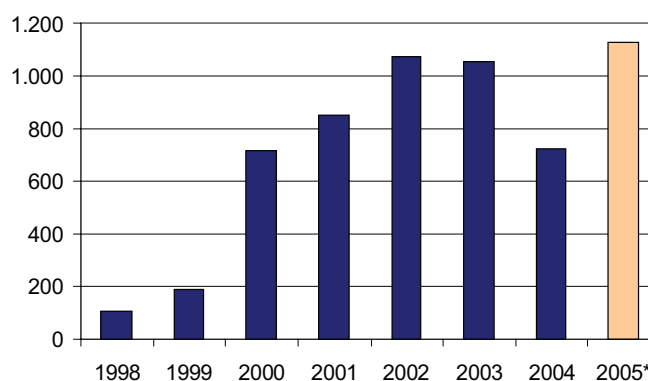
**Box Especial:**  
**Exportação de US\$ 1,1 bilhão em telefones celulares**

Um dos principais destaques da pauta de exportações brasileiras foi a telefonia celular, fazendo com que o segmento de aparelhos transmissores e receptores ficasse em segundo lugar entre os manufaturados. De janeiro a junho de 2005, foram exportados US\$ 1.125 milhões em telefones celulares, com crescimento de 330% em relação ao mesmo período do ano passado. O valor exportado no primeiro semestre de 2005 já supera o exportado em todo o ano de 2004, sendo maior ainda que o valor verificado em 2002, recorde anual até então.

Os principais destinos das exportações do produto no semestre foram Estados Unidos (US\$ 338,6 milhões), Argentina (US\$ 245,9 milhões) e Venezuela (US\$ 134,1 milhões). A pauta de países de destino é diversificada, abrangendo 36 países no total. As vendas para países da América do Sul são responsáveis por 53% do total. Após Estados Unidos e países sul-americanos, o principal destino são os europeus, com participação de 14% nas exportações de janeiro a junho de 2005.

**Gráfico 3.2**

**Exportação de telefones celulares – 1998 a 2005  
(em US\$ milhões)**



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MDIC/Secex.  
\* até junho

Apesar do crescimento em relação ao ano passado, a categoria de produtos básicos teve sua participação na pauta de exportações brasileiras reduzida, em detrimento dos segmentos de industrializados. Em relação a 2004, os básicos passaram de 31,5% para 27,6%.

Parte da causa da redução da participação de básicos na pauta foi o forte desempenho dos industrializados, mas também está na queda dos valores vendidos em algumas categorias importantes. Houve redução no valor exportado de soja em grão (-20,2%), farelo (-22,0%) e petróleo bruto (10,8%). Juntos esses produtos somam uma queda em valores absolutos de US\$ 1,1 bilhão.

Entretanto, os preços das principais *commodities* brasileiras exportadas permanecem em alta. Os maiores crescimentos ocorreram nos segmentos de café em grão (57,2%), minério de ferro (56,2%), milho (49,7%), óleos combustíveis (46,0%) e carne suína (31,7%). O preço do petróleo exportado pelo Brasil elevou-se 31% em relação a junho de 2004. Neste caso, a redução do valor exportado foi ocasionada apenas por menores quantidades embarcadas.

Segundo cálculos da Funcex, as variações de preços pouco influíram no saldo comercial brasileiro recente. O aumento de preços nas importações compensou os das exportações. O crescimento do saldo comercial brasileiro foi ocasionado principalmente pela elevação do quantum exportado. Em 2004, o *quantum* exportado de produtos brasileiros cresceu quase o dobro do comércio mundial. O crescimento dos preços internacionais é importante, mas não é o determinante no valor total das exportações brasileiras. No final de 2004, o nível dos termos de troca estava 13,5% abaixo

do verificado em janeiro de 1998. Nos últimos anos, os termos de troca permaneceram abaixo dos verificados entre 1995 e 1998. Nos anos de 2003 e 2004, houve um grande aumento nos preços de exportações, gerando um ganho total de 4% nos termos de troca, mas não se recuperaram aos níveis de 1998. No primeiro semestre de 2005, o quadro é semelhante: o índice de preços das importações cresceu mais do que o de exportações.

Se o saldo brasileiro não é ocasionado por uma variação favorável de preços, também não ocorre devido a uma queda de importações. Em 2005, as importações também apresentam forte crescimento, 20,2% em relação ao ano anterior. As importações no período foram de US\$ 34.010 milhões, representando recorde histórico para iguais períodos. O recorde anterior estava no primeiro semestre de 2001, no qual foram importados US\$ 28.994 milhões. De janeiro a junho de 2005, houve crescimento das importações em todas as categorias de uso: bens de capital (27,1%), bens de consumo (20,5%), matérias-primas e intermediários (18,6%) e combustíveis e lubrificantes (16,8%).

O bom desempenho de exportações e importações proporcionou uma corrente de comércio nunca vista anteriormente na economia brasileira. A corrente de comércio superou pela primeira vez o valor semestral acima de US\$ 87 bilhões e anual acima de US\$ 175 bilhões.

Tabela 3.3

## Importações brasileiras por categoria de uso: 2005 e 2004

	Janeiro a junho			Junho		
	2005	2004	Var.	2005	2004	Var.*
	US\$ mil	US\$ mil	%	US\$ mil	US\$ mil	%
Bens de Capital	7.045	5.544	27,1	1.336	1.013	25,9
Intermediários	17.973	15.160	18,6	3.407	2.957	9,6
Bens de Consumo	3.816	3.167	20,5	738	580	21,5
Não-duráveis	2.114	1.672	26,4	418	296	34,8
Duráveis	1.703	1.495	13,9	320	284	7,6
Automóveis	340	289	17,6	62	59	0,3
Combustíveis	5.175	4.432	16,8	694	976	-31,4
<b>Total</b>	<b>34.010</b>	<b>28.303</b>	<b>20,2</b>	<b>6.176</b>	<b>5.529</b>	<b>6,6</b>

\* pela média diária

Fonte: MDIC/Secex

A participação do segmento de bens de capital no total da pauta de importações aumentou 1 ponto percentual em relação ao primeiro semestre de 2004. A categoria dos bens de capital foi também a que apresentou o maior crescimento de importações no ano.

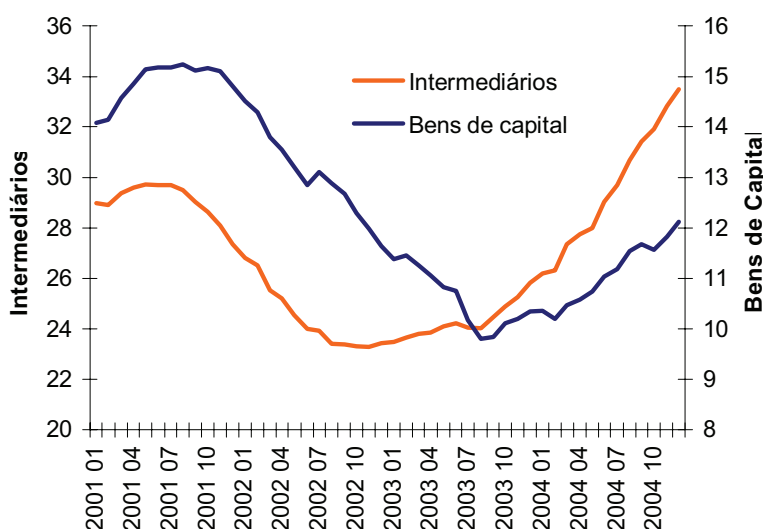
As importações de bens de capital encontram-se em uma trajetória crescente, apesar de não terem recuperado os níveis de 2001. Os bens intermediários são também os que apresentaram maiores valores absolutos em relação aos anos recentes – já superiores aos níveis de 2000/2001.

As compras de bens de capital possuem um crescimento ainda mais robusto quando consideradas suas peculiaridades. Bens de capital também sofrem influência do câmbio, mas são determinados em última instância pelas expectativas empresariais. As importações destes bens ocorrem não só para atender a demanda de hoje mas também à futura. O câmbio favorável é condição necessária para a compra de bens de

capital, mas pode não ser suficiente. Bens de capital são utilizados na produção e sua compra está condicionada à possibilidade de escoamento dos bens por eles produzidos. Deve haver expectativa favorável ao investimento para a compra dos bens de capital. A disposição das indústrias pela compra de bens de capital é, via de regra, mais cautelosa que em outros bens, por depender de expectativas de longo prazo.

Gráfico 3.3

Importações de bens de capital e intermediários: janeiro de 2001 a dezembro de 2004 (acumulado 12 meses em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MDIC/Secex

A necessidade de bens de capital para atender à demanda crescente aparece nos indicadores de uso de capacidade. Na série da Sondagem Conjuntural, a utilização da capacidade instalada (86%) verificada no final de 2004 foi a maior desde 1977. Os maiores usos de capacidade instalada encontravam-se nos segmentos de bens intermediários (89% em outubro de 2004), seguidos dos materiais de construção (86%), bens de consumo (82%) e bens de capital (81%). Nos primeiros meses do ano, a utilização da capacidade instalada normalmente reduz-se, mas não se verificou uma queda acentuada neste ano. Na série com ajuste sazonal, durante todo o primeiro semestre de 2005 o uso da capacidade instalada foi similar ao do final de 2004. A utilização de capacidade em julho era praticamente igual ao do final de 2004. O maior índice de ocupação continuava nos segmentos de bens intermediários (87,1%), seguido dos bens de capital (82,5%) e de consumo (82,3%). O índice de julho é 0,2 p.p. superior ao de abril, mês anterior da pesquisa.

No primeiro semestre de 2005, a principal origem das compras de bens de capital pelo Brasil foram os países da União Européia (US\$ 2.542 milhões), Ásia (US\$ 2.214 milhões) e Estados Unidos (US\$ 1.531 milhões).

No total de mercadorias compradas, as principais origens foram os Estados Unidos (US\$ 6.113 milhões) e Argentina (US\$ 2.984 milhões), ambas com crescimento superiores a 10% em relação ao ano anterior. Entretanto, a composição do incremento das compras provenientes destes países é bem distinta, o que ratifica um crescimento das importações pertinente a vários setores da economia brasileira. Nas importações

dos EUA, destacaram-se os segmentos de tuborreatores, carvão, partes de avião e produtos químicos; enquanto que as provenientes da Argentina possuíram grande presença de trigo, petroquímicos e veículos automotores. O valor verificado em 2005 nas compras brasileiras provenientes da Argentina superou os ocorridos em 2002, 2003 e 2004, mas ainda não houve uma recuperação aos níveis anteriores à crise da Argentina. De janeiro a junho de 2005, as importações de produtos argentinos pelo Brasil foram 12% menores em relação ao mesmo período de 2001.

Tabela 3.4

**Importações por categorias de uso e blocos econômicos de origem:  
janeiro a junho de 2005 (em US\$ milhões)**

Bloco	Bens de capital	Bens de consumo	Combustíveis e lubrificantes	Intermediários	Total
União Européia	2.542	1.024	165	5.133	8.865
Ásia	2.214	1.088	478	3.699	7.479
Estados Unidos*	1.531	595	435	3.551	6.113
ALADI	406	783	675	3.569	5.433
África	5	10	2.478	633	3.126
Oriente Médio	42	11	640	206	899
Europa Oriental	6	5	12	443	443
Demais	299	300	292	740	1.653
<b>Total</b>	<b>7.045</b>	<b>3.816</b>	<b>5.175</b>	<b>17.973</b>	<b>34.010</b>

\* Inclui Porto Rico

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MDIC/Secex.

Além de Estados Unidos e Argentina, as principais origens das importações brasileiras estiveram na União Européia e na Ásia, que responderam juntas por 48% das importações totais do Brasil no primeiro semestre de 2005. Alemanha (US\$ 2.954 milhões) e China (US\$ 2.272 milhões) foram, respectivamente, a terceira e a quarta origem das importações brasileiras no período.

As importações provenientes de todos os principais blocos econômicos cresceram no período: Ásia (42,1%), ALADI (26,1% exceto Mercosul), União Européia (21,8%), Mercosul (15,2%), África (13,0%) e Estados Unidos (11,7%). E a composição destes crescimentos é variada. O incremento das importações provenientes da África, Oriente Médio e ALADI foi derivado das compras de produtos químicos e minérios. O aumento das compras provenientes da União Européia e da Ásia ocorreu nos segmentos de máquinas e equipamentos, eletrônicos, autopeças e produtos farmacêuticos.

## 4) NEGOCIAÇÕES COMERCIAIS

### 4.1) Brasil - Países Árabes

Em maio, último, ocorreu a Cúpula América do Sul – Países Árabes, em Brasília. Entre os assuntos discutidos, destacou-se a importância que a política externa brasileira tem dado na atualidade aos seguintes temas: a diversificação do comércio, as relações com o Eixo do Sul, com os EUA e com a América do Sul. A cúpula enfatizou a abertura de novos mercados, no aspecto comercial. O grande objetivo é o aprofundamento das relações comerciais entre o Brasil e os países árabes, tendo em vista que cerca de 5% das nossas exportações já têm como destino tais países.

#### 4.2) Mercosul

Em junho, último, ocorreu uma cúpula do Mercosul no Paraguai. Entre os assuntos discutidos, destacaram-se a criação de um fundo estrutural para ajudar o desenvolvimento dos países menores e a articulação entre os líderes do continente para solucionar a questão energética.

O Fundo Estrutural do Mercosul poderá contribuir para solucionar as assimetrias de crescimento existentes entre os países do bloco. O fundo terá no próximo ano US\$ 50 milhões, cuja distribuição priorizará os menores países.

No tocante as relações fora do bloco, o Mercosul pretende priorizar as negociações comerciais com os seguintes parceiros: UE, EUA, Canadá, Índia e África do Sul.

#### 4.3) Mercosul – União Européia

Foi marcada para setembro, próximo, em Bruxelas, uma reunião ministerial entre UE e Mercosul. A reunião tem como objetivo dar impulso às negociações que se desenrolam há cinco anos, mas se encontram relativamente paradas desde outubro de 2004 devido a alguns impasses.

Por um lado, a UE quer que o Mercosul seja mais agressivo na oferta de abertura de seus mercados nas áreas de indústria e serviços. Por outro, os sul-americanos alegam que não há como liberalizar essas áreas de uma única vez, tendo em vista as desigualdades existentes entre os países integrantes do Mercosul. Este último, por sua vez, reivindica maiores concessões da UE em relação aos mercados para produtos agrícolas.

#### 4.4) Mercosul – Coreia

Em maio de 2005, o ministro do Comércio Exterior e negociador-chefe da Coreia mostrou interesse em negociar um acordo de livre comércio com o Mercosul. O país já fechou um acordo com o Chile apresentando resultados favoráveis para ambos países, através de um aumento das exportações.

Neste contexto, a Agência de Promoção das Exportações (APEX) contratou uma firma de consultoria, para poder estudar a viabilidade de exportação de uma série de produtos brasileiros (carne bovina, peixe, camarão, cosméticos, bebidas, alimentos processados, frutas *in natura*, granito mármore, revestimento de cerâmica) ao mercado coreano.

No final do mesmo mês, o presidente viajou com um grupo de empresários à Coreia e ao Japão. A Petrobrás, a Eletrobrás, a Vale do Rio Doce, a Etesco e o BNDES fecharam negócios e contratos de financiamento que somam US\$ 3,850 bilhões. Na viagem, também desenrolaram-se outros contratos envolvendo um valor acima de US\$ 2,750 bilhões.

#### 4.5) ALCA

Com início em 1994, as discussões sobre a constituição da Área de Livre Comércio das Américas deveriam ter sido finalizadas em dezembro do ano passado. Entretanto, as negociações desaceleraram-se a partir de setembro de 2003 devido a algumas questões. Por um lado, os EUA desejam maiores concessões em serviços e propriedade intelectual. Por outro, o Brasil reivindica redução dos subsídios agrícolas.



Tendo em vista a lenta evolução das negociações, alguns analistas não acreditam que as negociações possam ser concluídas antes de 2009.

O fato mais recente que contribuiria, segundo alguns especialistas, para impulsionar o desenvolvimento da Alca é a aprovação do Cafta - o acordo de livre comércio dos EUA com Guatemala, Nicarágua, El Salvador, Honduras, Costa Rica e República Dominicana. A aprovação do Cafta, permitirá à administração americana concretizar seu plano de recolocar a Alca no topo da pauta hemisférica e da agenda da Cúpula das Américas, prevista para novembro.

#### 4.6) OMC

O Brasil vem registrando importantes vitórias no âmbito das negociações comerciais. Em abril de 2004, a OMC deu um prazo aos EUA para que retirassem os subsídios às exportações agrícolas contestados pelo Brasil, uma vez que causam sérios prejuízos aos interesses brasileiros. Esta decisão da OMC foi histórica, pois pela primeira vez na história do sistema multilateral, a OMC tomou uma decisão sobre subsídios domésticos à agricultura. Em relação à UE, o Brasil conseguiu que a OMC declarasse ilegal o subsídio ao açúcar europeu.

Sobre a discussão de tarifas industriais na OMC, há importantes divergências. Os países da Apec (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico) resolveram suportar a proposta defendida por EUA e UE, a qual poderá promover um agressivo corte nas tarifas de importação, a chamada fórmula "Suíça". A proposta feita pelo Brasil, juntamente com Argentina e Índia, conta, até agora, com apoio apenas dos países do Caribe.

A fórmula "Suíça", apresentada durante a Rodada Tóquio (1973-79) corta proporcionalmente mais as tarifas mais altas. Brasil, Argentina e Índia lutam por uma variação dessa fórmula, que consideraria a tarifa média consolidada pelos países na OMC, de modo que países com tarifas mais altas não fossem tão afetados.

Especula-se que os países do sudeste asiático possam apoiar a fórmula "Suíça" pois seus mercados já são suficientemente abertos de modo a suportar cortes das tarifas de importação de bens industriais.

A estagnação na Rodada Doha se deu por diversas razões, contudo, a grande maioria dos negociadores concorda que a mais importante delas é a recusa da UE em aceitar a fórmula proposta que deve cortar as tarifas de importação para produtos agrícolas.

A questão que se coloca é que os países em desenvolvimento não deverão se comprometer com uma abertura para produtos industriais e serviços, como desejam americanos e europeus, sem a contrapartida na agricultura. Com a resistência dos países desenvolvidos no tocante às concessões durante a rodada da OMC, é provável que a Rodada de Doha a ser finalizada na reunião de dezembro em Hong Kong atinja resultados menos ambiciosos do que o inicialmente desejado.

# PROJEÇÕES E INDICADORES ECONÓMICOS

## PROJEÇÕES

Tabela 1 – Projeções

Produto Interno Bruto - variação %														
	FMI (1)		CEPAL (2)		OCDE (3)		BBVA		Citigroup		Economist (4)		Santander	
	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P
Países Desenvolvidos	2,6	3,0	-	-	-	-	-	-	2,5	2,5	-	-	-	-
União Européia	2,1	2,5	-	-	2,5	-	1,4	2,2	-	-	-	-	-	-
Japão	0,8	1,9	-	-	1,5	1,7	1,5	3,0	1,9	1,5	1,6	1,8	-	-
Estados Unidos	3,6	3,6	-	-	3,6	3,3	3,6	3,2	3,7	3,4	3,5	3,2	-	-
Canadá	2,8	3,0	-	-	2,8	3,1	-	-	3,0	3,7	2,8	3,0	-	-
Reino Unido	2,6	2,6	-	-	2,4	2,4	2,5	2,6	2,1	2,3	2,2	2,2	-	-
Zona do Euro	1,6	2,3	-	-	1,2	2,0	1,7	2,4	1,5	1,9	1,3	1,7	-	-
Alemanha	0,8	1,9	-	-	1,2	1,8	1,1	1,9	1,1	1,1	1,1	1,3	-	-
França	2,0	2,2	-	-	1,4	2,0	2,0	2,4	1,6	2,0	1,5	1,9	-	-
Itália	1,2	2,0	-	-	-0,6	1,1	1,0	2,1	-0,2	0,8	-0,2	1,1	-	-
Países em Desenvolvimento	6,3	6,0	-	-	-	-	-	-	5,6	5,6	-	-	-	-
África	5,0	5,4	-	-	-	-	-	-	4,5	4,3	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	4,3	4,0	-	-	4,1	3,6	4,0	3,8	-	-	4,4	3,9
Argentina	6,0	3,6	7,3	-	-	-	7,0	4,5	6,4	4,0	-	-	6,5	4,5
Bolívia	4,4	4,5	3,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	3,7	3,5	3,0	-	3,7	3,5	3,0	3,0	3,0	3,7	-	-	3,2	3,5
Chile	6,1	5,4	6,0	-	-	-	6,1	5,7	5,5	5,0	-	-	5,8	5,2
Colômbia	4,0	4,0	4,0	-	-	-	3,8	3,5	3,4	3,4	-	-	3,8	3,6
Equador	3,9	3,7	3,0	-	-	-	-	-	2,7	3,4	-	-	-	-
México	3,7	3,3	3,6	-	4,0	4,2	3,9	3,5	4,2	3,7	-	-	3,5	3,8
Paraguai	2,5	3,0	2,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	4,5	4,5	5,5	-	-	-	5,3	4,5	5,0	4,4	-	-	4,7	4,0
Uruguai	5,0	3,5	6,2	-	-	-	5,5	-	5,5	4,0	-	-	-	-
Venezuela	4,6	3,8	7,0	-	-	-	3,9	2,3	5,2	4,0	-	-	7,4	3,7
República Dominicana	2,5	4,3	3,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	7,4	7,1	-	-	-	-	-	-	6,7	6,6	-	-	-	-
China	8,5	8,0	-	-	9,0	9,2	8,5	8,0	9,3	8,5	-	-	-	-
Coreia do Sul	4,0	5,2	-	-	4,3	5,0	-	-	3,1	4,3	-	-	-	-
Indonésia	5,5	6,0	-	-	-	-	-	-	5,6	5,9	-	-	-	-
Tailândia	5,6	6,2	-	-	-	-	-	-	4,0	4,7	-	-	4,0	4,7
Tailândia	6,7	6,4	-	-	-	-	-	-	7,5	7,4	-	-	-	-
Índia	6,7	6,4	-	-	-	-	-	-	7,5	7,4	-	-	-	-
Europa Central e Leste Europeu	4,5	4,5	-	-	-	-	-	-	5,0	5,5	-	-	-	-
Rússia	6,0	5,5	-	-	6,0	6,0	-	-	5,8	5,9	-	-	-	-
Mundo	4,3	4,4	-	-	-	-	-	-	3,2	3,2	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2005 (Abril/2005) e Relatórios de países

(2) Estudio Económico de América Latina y el Caribe, 2004-2005 (Agosto/2005)

(3) OECD Economic Outlook No. 77 (Junho/2005)

(4) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.

Tabela 2 – Projeções

Índice de preços ao consumidor - variação %												
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Economist (4)		Santander	
	2005 P.	2006 P.	2005 P.	2006 P.	2005 P.	2006 P.	2005 P.	2006 P.	2005 P.	2006 P.	2005 P.	2006 P.
Países Desenvolvidos												
União Européia	2,0	1,9	-	-	-	2,1	1,6	-	-	-	-	-
Japão	-0,2	0	-0,2	0,1	0,0	0,3	-0,1	0,2	-0,1	0,2	-	-
Estados Unidos	2,7	2,4	2,8	2,6	2,7	2,6	3,0	2,4	2,9	2,5	-	-
Canadá	2,1	1,9	1,9	1,9	-	-	2,2	2,4	2,1	2,2	-	-
Reino Unido	1,7	2	2,0	2,1	1,8	1,6	2,1	2,3	1,9	1,9	-	-
Zona do Euro	1,9	1,7	1,8	1,3	1,7	1,5	2,1	1,8	1,9	1,5	-	-
Alemanha	1,5	1,2	1,2	0,8	1,3	1,0	1,7	1,9	1,4	1,1	-	-
França	2,0	1,9	1,6	1,7	1,5	1,3	1,9	1,7	1,7	1,6	-	-
Itália	1,8	1,8	2,0	2,0	1,7	1,8	1,8	1,9	2,0	1,9	-	-
Países em Desenvolvimento												
África	7,7	5,9	-	-	-	-	5,5	6,1	-	-	-	-
América Latina e Caribe												
Argentina	7,7	6,7	-	-	-	6,5	6,0	6,2	5,8	-	5,9	5,9
Bolívia	3,7	3,2	-	-	-	-	-	9,4	9,6	-	-	8,0
Brasil	6,5	4,6	6,3	5,0	6,0	5,0	6,9	5,5	-	-	6,3	5,0
Chile	2,5	3,1	-	-	3,4	3,0	2,6	2,9	-	-	2,8	3,1
Colômbia	5,2	4,8	-	-	5,0	4,7	5,0	4,9	-	-	5,1	4,7
Equador	2,0	2,0	-	-	-	-	1,0	0,7	-	-	-	-
México	4,6	3,7	4,4	3,7	4,0	3,9	4,3	3,8	-	-	3,8	4,0
Paraguai	5,3	5,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	2,1	2,4	-	-	2,3	2,5	1,8	2,3	-	-	2,0	2,5
Uruguai	7,0	6,2	-	-	5,5	-	4,9	6,7	-	-	-	-
Venezuela	18,2	25	-	-	20,6	23,5	17,1	19,2	-	-	17,3	23,0
República Dominicana	8,9	8,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico												
China	3,9	3,4	-	-	-	-	3,4	3,5	-	-	-	-
Coreia do Sul	3,0	2,5	4,0	4,0	4,5	4,5	2,5	3,0	-	-	-	-
Indonésia	2,9	3,0	3,2	3,0	-	-	3,0	3,2	-	-	-	-
Indonésia	7,0	6,5	-	-	-	-	7,9	7,1	-	-	-	-
Tailândia	2,9	2,1	-	-	-	-	3,6	3,3	-	-	-	-
Índia	4,0	3,6	-	-	-	-	5,0	4,0	-	-	-	-
Europa Central e Leste Europeu												
Rússia	5,2	4,0	-	-	-	-	8,4	6,8	-	-	-	-
	11,8	9,7	13,0	12,0	-	-	13,0	9,5	-	-	-	-
Mundo	3,6	3,1	-	-	-	-	2,8	2,5	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2005 (Abril/2005) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 77 (Junho/2005)

(3) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Scotiabank e UBS.

Tabela 3 - Projeções

Saldo das Contas Públicas - % do PIB									
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Santander
	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>-3,5</b>	<b>-3,4</b>	-	-	-	-	<b>-2,9</b>	<b>-2,8</b>	-
União Européia	-2,7	-2,8	-	-	-	-	-	-	-
Japão	-6,9	-6,5	-6,4	-6,3	-	-	-6,9	-6,5	-
Estados Unidos	-4,4	-4,2	-4,1	-3,9	-	-	-2,4	-2,1	-
Canadá	1,3	1,2	1,2	0,8	-	-	0,6	0,3	-
Reino Unido	-3,1	-2,9	-2,9	-3,0	-	-	-2,9	-3,0	-
Zona do Euro	-2,6	-2,6	-2,8	-2,7	-2,6	-2,7	-3,2	-3,4	-
Alemanha	-3,5	-3,4	-3,5	-3,2	-	-	-3,7	-3,6	-
França	-3,1	-3,1	-3,0	-3,0	-	-	-3,4	-3,6	-
Itália	-3,5	-4,3	-4,4	-5,0	-	-	-4,3	-5,0	-
<b>Países em Desenvolvimento</b>	-	-	-	-	-	-	<b>-1,2</b>	<b>-1,3</b>	-
<b>África</b>	-	-	-	-	-	-	<b>-1,9</b>	<b>-2,2</b>	-
<b>América Latina e Caribe</b>	-	-	-	-	<b>-1,0</b>	<b>-1,0</b>	<b>-1,7</b>	<b>-1,6</b>	<b>-0,9</b>
Argentina	-	-	-	-	3,7	3,4	0,5	0,0	1,5
Bolívia	-	-	-	-	-	-	-	-	0,3
Brasil	-	-	-3,8	-2,8	-3,0	-3,0	-4,2	-3,1	-4,4
Chile	-	-	-	-	2,4	1,2	1,0	1,0	-4,3
Colômbia	-	-	-	-	-2,5	-2,0	-2,5	-2,8	2,3
Equador	-	-	-	-	-	-	0,2	-0,5	-2,5
México	-	-	-	-	-0,1	-0,2	-0,3	-0,5	-2,0
Paraguai	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,2
Peru	-	-	-	-	-1,0	-1,0	-1,0	-1,0	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-1,5	-1,0	-1,1
Venezuela	-	-	-	-	-1,8	-2,1	-1,0	-3,0	-
República Dominicana	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,4
<b>Ásia e Pacífico</b>	-	-	-	-	-	-	<b>-1,4</b>	<b>-1,4</b>	-
China	-	-	-	-	-	-	-1,0	-1,2	-
Coreia do Sul	2,1	2,7	-0,4	-0,2	-	-	0,4	0,6	-
Indonésia	-	-	2,8	2,9	-	-	-1,0	-0,8	-
Tailândia	-	-	-	-	-	-	-0,3	-1,4	-
Índia	-	-	-	-	-	-	-4,3	-4,0	-
<b>Europa Central e Leste Europeu</b>	-	-	-	-	-	-	<b>0,3</b>	<b>-0,5</b>	-
Rússia	-	-	2,0	1,5	-	-	7,0	4,0	-
<b>Mundo</b>	-	-	-	-	-	-	<b>-2,5</b>	<b>-2,5</b>	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2005 (Abril/2005) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 77 (Junho/2005)

Tabela 4 – Projeções

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões						
	OCDE (1)		BBVA		Citigroup	
	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P
<b>Países Desenvolvidos</b>	-	-	-	-	-	-
<b>União Européia</b>	-	-	-	-	-	-
Japão	79,0	97,0	-	-	-	-
Estados Unidos	-710,5	-761,7	-	-	-	-
Canadá	39,4	49,7	-	-	-	-
Reino Unido	-77,4	-83,5	-	-	-	-
Zona do Euro	151,2	166,3	-	-	-	-
Alemanha	150,3	166,9	-	-	-	-
França	-8,0	-0,7	-	-	-	-
Itália	-9,6	-14,8	-	-	-	-
<b>Países em Desenvolvimento</b>	-	-	-	-	-	-
<b>África</b>	-	-	-	-	-	-
<b>América Latina e Caribe</b>	-	-	-	-	-	-
Argentina	-	-	9,5	8,1	-	72,8 47,7
Bolívia	-	-	-	-	-	9,0 4,6
Brasil	-	-	35,0	22,0	-	-
Chile	-	-	7,5	3,1	-	34,2 26,1
Colômbia	-	-	2,2	-1,0	-	9,1 7,3
Equador	-	-	-	-	-	0,2 -1,4
México	-19,4	-21,5	-10,0	-12,0	-	-
Paraguai	-	-	-	-	-	-11,8 -15,6
Peru	-	-	3,0	2,5	-	-
Uruguai	-	-	0,0	0,0	-	2,8 2,2
Venezuela	-	-	20,4	15,3	-	-
República Dominicana	-	-	-	-	-	29,3 24,6
<b>Ásia e Pacífico</b>	-	-	-	-	-	-
China	-	-	-	-	66,4	90,9
Coreia do Sul	26,5	16,8	-	-	39,6	40,3
Indonésia	-	-	-	-	17,3	14,7
Taiândia	-	-	-	-	-9,9	-19,3
Índia	-	-	-	-	-34,2	-35,9
<b>Europa Central e Leste Europeu</b>	-	-	-	-	-	-
Rússia	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) OECD Economic Outlook No. 77 (Junho/2005)

Tabela 5 – Projeções

Saldo em Conta Corrente - % PIB												
	FMI (1)		OCDE (2)		BBVA		Citigroup		Economist (3)		Santander	
	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P
Países Desenvolvidos	-1,1	-1,1	-	-	-	-	-1,7	-2,0	-	-	-	-
União Européia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Japão	3,3	3,5	3,6	4,1	-	-	3,2	2,8	3,6	3,5	-	-
Estados Unidos	-5,8	-6,7	-6,4	-6,7	-	-	-6,3	-6,9	-6,3	-6,2	-	-
Canadá	2,6	2,5	1,7	2,5	-	-	1,1	0,0	1,3	1,1	-	-
Reino Unido	-2,3	-2,4	-2,3	-2,4	-	-	-2,5	-2,9	-2,4	-2,5	-	-
Zona do Euro	0,5	0,5	0,1	0,3	0,6	0,4	0,6	0,7	0,5	0,4	-	-
Alemanha	3,8	3,4	4,2	4,9	-	-	3,6	3,1	3,5	3,3	-	-
França	-0,4	-0,1	-1,0	-0,6	-	-	-1,7	-1,8	-0,6	-0,3	-	-
Itália	-1,3	-0,9	-2,2	-2,3	-	-	-2,0	-2,2	-1,2	-1,3	-	-
Países em Desenvolvimento	3,2	2,4	-	-	-	-	2,9	2,6	-	-	-	-
África	0,8	0,5	-	-	-	-	3,1	2,3	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-0,3	-	-	-	0,1	-	0,6	-0,1	-	-	0,2	-0,8
Argentina	-1,2	-2,9	-	-	0,9	1,2	1,5	-1,0	-	-	0,7	-1,6
Bolívia	2,6	2,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	1,1	0,4	0,9	0,3	1,5	0,0	1,4	1,2	-	-	1,2	0,1
Chile	0,9	-1,3	-	-	0,3	-2,1	1,0	1,0	-	-	0,7	-1,0
Colômbia	-2,6	-2,6	-	-	0,4	-2,1	-0,9	-0,7	-	-	-1,9	-2,7
Equador	0,8	1,2	-	-	-	-	0,0	-1,2	-	-	-	-
México	-1,4	-1,6	-1,9	-2,0	-1,5	-1,8	-0,4	-1,0	-	-	-1,3	-1,8
Paraguai	0,2	0,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Peru	0,5	0,2	-	-	-0,1	-0,5	-0,5	-1,2	-	-	0,0	-0,6
Uruguai	-0,2	-0,6	-	-	-	-	-1,0	-1,5	-	-	-	-
Venezuela	12,0	8,4	-	-	11,3	7,5	11,1	4,8	-	-	16,4	11,6
República Dominicana	2,0	0,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ásia e Pacífico	2,8	2,5	-	-	-	-	3,9	3,7	-	-	-	-
China	4,1	4,0	5,2	4,6	-	-	5,5	6,0	-	-	-	-
Coreia do Sul	3,6	2,9	3,0	1,7	-	-	2,0	1,3	-	-	-	-
Indonésia	2,2	0,9	-	-	-	-	0,6	-0,5	-	-	-	-
Tailândia	2,0	1,4	-	-	-	-	-2,7	-4,0	-	-	-	-
Índia	-0,3	-0,3	-	-	-	-	-0,9	-0,6	-	-	-	-
Europa Central e Leste Europeu	-4,7	-4,4	-	-	-	-	2,7	2,8	-	-	-	-
Rússia	11,4	8,7	12,0	8,5	-	-	12,0	11,6	-	-	-	-
Mundo	-	-	-	-	-	-	-0,7	-1,0	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de relatórios das instituições.

(1) World Economic Outlook 2004 (Setembro/2004) e Relatórios de países

(2) OECD Economic Outlook No. 77 (Junho/2005)

(3) Média das previsões coletadas pelo The Economist junto a ABN Amro, Deutsche Bank, Economist Intelligence Unit, Goldman Sachs, HSBC Securities, KBC Bank, JP Morgan Chase, Morgan Stanley, Decision Economics, BNP Paribas, Royal Bank of Canada, Citigroup, Scotiabank e UBS.



## INDICADORES MACROECONÔMICOS E PROJEÇÕES PARA O BRASIL

Tabela 6 - Projeções e Indicadores macroeconômicos

Principais Indicadores Macroeconômicos do Brasil e Projeções	Sinopse											
	Internacional <sup>(1)</sup>											
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P	2005 P	2006 P
PIB (Variação %)	0,8	4,4	1,3	1,9	0,5	4,9	3,4	3,4	3,4	3,0	3,0	3,5
Índice de Preços ao Consumidor (%)	9,1	6,2	7,9	12,2	8,9	6,3	6,4	5,0	5,0	5,5	5,5	4,9
Taxa de Juros Nominal (Selic fim de período)	25,6	17,4	17,3	19,2	23,4	16,3	-	-	-	17,9	15,7	15,7
Déficit Público (% do PIB)	5,8	3,6	3,6	4,6	5,1	2,7	-3,7	-3,4	-3,4	2,7	2,3	2,3
Dívida Pública (% do PIB)	49,7	48,8	52,6	55,5	57,2	51,7	-	-	-	51,2	49,9	49,9
Exportação (US\$ Bilhões)	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1	96,5	-	-	-	113,2	117,2	117,2
Importação (US\$ Bilhões)	49,2	55,8	55,6	47,2	48,3	62,8	-	-	-	74,9	85,5	85,5
Saldo da Balança Comercial (US\$ Bilhões)	-1,2	-0,7	2,7	13,1	24,8	33,7	32,7	24,4	38,1	38,1	31,4	31,4
Saldo em Conta Corrente (% do PIB)	-4,7	-4,0	-4,6	-1,7	0,8	1,9	1,2	0,4	-	-	-	-
Investimento Externo Direto (US\$ Bilhões)	26,9	30,5	24,7	14,1	9,9	8,7	-	-	-	15,3	15,1	15,1

Fonte: Banco Central do Brasil

(1) As projeções para 2005 e 2006 são médias das tabelas de previsões das instituições.

(2) Média das expectativas do mercado coletadas pelo Banco Central em 05/08/2005.

## INDICADORES MACROECONÔMICOS DE PAÍSES SELECIONADOS

Tabela 7 - Indicadores macroeconômicos

Produto Interno Bruto - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004 E
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>24.939,4</b>	<b>25.264,3</b>	<b>24.918,2</b>	<b>26.003,1</b>	<b>29.115,5</b>	<b>32.228,1</b>
União Européia	8.923,1	8.264,4	8.320,3	9.091,1	11.030,5	12.694,6
Japão	4.472,6	4.751,2	4.165,4	3.978,9	4.299,7	4.668,4
Estados Unidos	9.268,4	9.817,0	10.128,0	10.487,0	11.004,1	11.733,5
Canadá	661,3	725,2	715,7	738,0	872,3	995,8
Reino Unido	1.461,5	1.441,2	1.431,8	1.567,5	1.799,7	2.125,5
Zona do Euro	6.682,6	6.081,8	6.135,3	6.691,7	8.222,9	9.397,7
Alemanha	2.110,8	1.875,8	1.857,5	1.990,2	2.406,6	2.706,7
França	1.444,7	1.313,6	1.321,7	1.443,3	1.762,6	2.018,1
Itália	1.182,0	1.077,9	1.091,3	1.190,4	1.471,1	1.680,7
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>5.699,0</b>	<b>6.190,9</b>	<b>6.277,1</b>	<b>6.406,9</b>	<b>7.211,9</b>	<b>8.442,5</b>
África	428,9	440,4	438,9	464,2	561,5	679,8
América Latina e Caribe	1.797,9	1.991,3	1.918,4	1.478,0	1.543,0	-
Argentina	283,5	284,2	268,7	101,5	127,3	151,9
Bolívia	8,2	8,4	8,1	8,2	8,6	9,4
Brasil	524,1	599,8	508,9	460,6	505,4	599,7
Chile	73,0	75,2	68,4	67,4	72,1	93,7
Colômbia	86,2	83,8	82,0	81,6	79,3	95,2
Equador	16,7	15,9	21,0	24,3	27,2	29,9
México	480,5	580,8	623,9	648,5	639,1	676,5
Paraguai	7,8	7,7	6,9	5,6	6,0	7,0
Peru	51,4	53,1	53,7	56,5	60,6	67,9
Uruguai	20,9	20,1	18,6	12,3	10,8	12,0
Venezuela	98,0	117,2	122,9	92,9	84,3	107,5
Republica Dominicana	17,6	19,9	21,9	21,6	16,1	19,4
Ásia e Pacífico	2.037,1	2.175,7	2.263,6	2.456,0	2.770,1	3.169,0
China	991,4	1.080,7	1.175,7	1.270,7	1.416,6	1.649,4
Índia	436,8	458,4	471,3	495,0	576,1	661,0
Europa Central e Leste Europeu	615,8	616,5	603,7	688,3	842,7	1.015,2
Rússia	195,9	259,7	306,6	345,1	430,1	582,7
<b>Total</b>	<b>30.638,4</b>	<b>31.455,2</b>	<b>31.195,3</b>	<b>32.410,0</b>	<b>36.327,4</b>	<b>40.670,5</b>

Fonte: FMI

Nota: Produto Interno Bruto ao câmbio vigente.

Tabela 8 - Indicadores macroeconômicos

Crescimento do Produto Interno Bruto (%)								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E	2005 P	2006 P
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>3,5</b>	<b>3,8</b>	<b>1,2</b>	<b>1,6</b>	<b>2,0</b>	<b>3,4</b>	<b>2,6</b>	<b>2,8</b>
União Européia	2,9	3,7	1,8	1,2	1,2	2,5	2,0	2,4
Japão	0,0	2,4	0,2	-0,3	1,4	2,6	1,5	2,0
Estados Unidos	4,4	3,7	0,8	1,9	3,0	4,4	3,6	3,3
Canadá	5,5	5,2	1,8	3,4	2,0	2,8	2,8	3,2
Reino Unido	2,9	3,9	2,3	1,8	2,2	3,1	2,4	2,4
Zona do Euro	2,8	3,6	1,6	0,9	0,5	2,0	1,5	2,1
Alemanha	2,0	2,9	0,8	0,1	-0,1	1,7	1,1	1,6
França	3,2	4,2	2,1	1,1	0,5	2,3	1,7	2,1
Itália	1,7	3,0	1,8	0,4	0,3	1,2	0,2	1,4
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>4,0</b>	<b>5,8</b>	<b>4,2</b>	<b>4,7</b>	<b>6,4</b>	<b>7,2</b>	<b>6,0</b>	<b>5,8</b>
Africa	2,8	3,2	4,0	3,6	4,6	5,1	4,8	4,9
América Latina e Caribe	0,5	3,7	0,4	-0,6	1,7	4,6	4,2	3,8
Argentina	-3,4	-0,8	-4,4	-10,9	8,8	9,0	6,6	4,1
Bolívia	0,4	2,3	1,5	2,8	2,5	3,8	4,0	4,5
Brasil	0,8	4,4	1,3	1,9	0,5	4,9	3,4	3,4
Chile	-0,8	4,5	3,4	2,2	3,3	6,0	5,9	5,3
Colômbia	-4,2	2,9	1,5	1,9	4,0	4,0	3,8	3,6
Equador	-6,3	2,8	5,1	3,4	2,7	6,6	3,2	3,6
México	3,6	6,6	0,0	0,6	1,6	4,4	3,7	3,6
Paraguai	0,5	-0,4	2,7	-2,3	2,6	2,1	2,7	3,0
Peru	0,9	2,9	0,2	4,9	3,8	5,1	5,0	4,3
Uruguai	-2,8	-1,4	-3,4	-11,0	2,5	12,0	5,6	3,8
Venezuela	-6,0	3,7	3,4	-8,9	-7,7	17,3	5,7	3,4
Republica Dominicana	8,1	7,8	4,0	4,3	-1,6	2,0	3,0	4,3
Ásia e Pacífico	6,2	6,5	5,8	6,5	8,1	8,2	7,1	6,9
China	7,1	8,0	7,5	8,3	9,3	9,5	8,8	8,4
Índia	6,9	4,7	4,8	4,4	7,5	7,3	7,1	6,9
Europa Central e Leste Europeu	0,4	4,9	0,2	4,4	4,6	6,1	4,8	5,0
Rússia	6,3	10,0	5,1	4,7	7,3	7,1	5,9	5,8

Fonte: FMI

Nota: As projeções para 2005 e 2006 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 9 - Indicadores macroeconômicos

Variação Acumulada no ano dos índices de preço ao consumidor								
Inflação - %								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E	2005P	2006P
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>1,4</b>	<b>2,2</b>	<b>2,1</b>	<b>1,5</b>	<b>1,8</b>	<b>2,0</b>	<b>2,1</b>	<b>1,9</b>
União Européia	1,7	2,5	2,5	2,2	2,0	2,2	2,1	1,8
Japão	-0,3	-0,9	-0,7	-1,0	-0,2	0,0	-0,1	0,2
Estados Unidos	2,2	3,4	2,8	1,6	2,3	2,7	2,8	2,5
Canadá	1,7	2,7	2,5	2,3	2,7	1,8	2,1	2,1
Reino Unido	1,4	0,8	1,2	1,3	1,4	1,3	1,9	2,0
Zona do Euro	1,1	2,1	2,4	2,3	2,1	2,2	1,9	1,6
Alemanha	0,6	1,4	1,9	1,3	1,0	1,8	1,4	1,2
França	0,6	1,8	1,8	1,9	2,2	2,3	1,7	1,6
Itália	1,7	2,6	2,3	2,6	2,8	2,3	1,9	1,9
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>10,2</b>	<b>7,1</b>	<b>6,7</b>	<b>6,0</b>	<b>6,0</b>	<b>5,7</b>	<b>5,4</b>	<b>4,9</b>
Africa	11,6	13,0	12,1	9,8	10,6	7,7	6,6	6,0
América Latina e Caribe	9,5	8,6	5,9	11,4	7,1	6,8	6,2	5,9
Argentina	-1,2	-0,9	-1,1	25,9	13,4	4,4	9,8	8,6
Bolívia	2,2	4,6	1,6	0,9	3,3	4,4	3,7	3,2
Brasil <sup>(1)</sup>	8,9	6,0	7,7	12,5	9,3	7,6	5,5	4,9
Chile	3,3	3,8	3,6	2,5	2,8	1,1	2,8	3,0
Colômbia	10,9	9,2	8,0	6,3	7,1	5,9	5,1	4,8
Equador	-29,2	-7,7	37,7	12,6	7,9	2,7	1,5	1,4
México	16,6	9,5	6,4	5,0	4,5	4,7	4,2	3,8
Paraguai	6,8	9,0	7,3	10,5	14,2	5,2	5,3	5,3
Peru	3,5	3,8	2,0	0,2	2,3	3,7	2,1	2,4
Uruguai	5,7	4,8	4,4	14,0	19,4	9,2	5,8	6,5
Venezuela	23,6	16,2	12,5	22,4	31,1	21,7	18,3	22,7
Republica Dominicana	6,5	7,7	8,9	5,2	27,4	51,5	8,9	8,4
Ásia e Pacífico	2,6	1,9	2,7	2,1	2,6	4,2	3,7	3,5
China	-1,4	0,4	0,7	-0,8	1,2	3,9	3,5	3,5
Índia	4,7	4,0	3,8	4,3	3,8	3,8	4,5	3,8
Europa Central e Leste Europeu	22,9	22,7	19,4	14,7	9,2	6,6	6,8	5,4
Rússia	85,7	20,8	21,5	15,8	13,7	10,9	12,6	10,4

Fonte: FMI, IBGE e Banco Central do Brasil

(1) IPCA e expectativa de mercado divulgada pelo Banco Central do Brasil em 05/08/2005

Tabela 10 - Indicadores macroeconômicos

Saldo das Contas Públicas - % do PIB								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E	2005P	2006P
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>-1,0</b>	<b>0,0</b>	<b>-1,5</b>	<b>-3,4</b>	<b>-3,9</b>	<b>-3,5</b>	<b>-3,2</b>	<b>-3,1</b>
União Européia	-1,0	0,4	-1,5	-2,5	-2,9	-2,8	-2,7	-2,8
Japão	-7,2	-7,5	-6,1	-7,9	-7,8	-7,1	-6,7	-6,4
Estados Unidos	0,6	1,3	-0,7	-4,0	-4,6	-4,3	-3,6	-3,4
Canadá	1,6	2,9	1,1	0,3	0,6	1,4	1,0	0,8
Reino Unido	1,0	3,9	0,8	-1,7	-3,3	-3,0	-3,0	-3,0
Zona do Euro	-1,3	-1,0	-1,8	-2,4	-2,8	-2,7	-2,8	-2,9
Alemanha	-1,5	1,3	-2,8	-3,7	-3,8	-3,7	-3,6	-3,4
França	-1,8	-1,4	-1,4	-3,2	-4,2	-3,7	-3,2	-0,8
Itália	-1,7	-0,6	-3,0	-2,6	-2,9	-3,0	-4,1	-4,8
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>-3,8</b>	<b>-2,9</b>	<b>-3,2</b>	<b>-3,4</b>	<b>-2,8</b>	<b>-2,2</b>	<b>-1,2</b>	<b>-1,3</b>
África	-3,4	-1,3	-1,9	-2,5	-1,5	-0,8	-1,9	-2,2
América Latina e Caribe	-2,9	-2,7	-3,2	-2,6	-2,5	-	-1,2	-1,2
Argentina	-1,7	-2,4	-3,2	-1,5	0,5	0,9	1,9	1,3
Bolívia	-3,9	-3,7	-6,9	-9,0	-7,9	-6,0	-	-
Brasil	-10,5	-4,5	-5,2	-4,6	-5,2	-1,9	-3,7	-3,4
Chile	-1,4	0,1	-0,3	-0,8	-0,8	2,5	1,8	1,3
Colômbia	-5,5	-5,9	-5,9	-3,6	-2,8	-2,5	-2,5	-2,3
Equador	-3,9	1,5	0,4	0,6	1,2	-	0,2	-0,5
México	-1,5	-1,3	-0,7	-1,2	-0,6	-1,3	-0,2	-0,3
Paraguai	-3,3	-4,4	-0,4	-2,1	-2,3	0,3	-	-
Peru	-3,1	-3,2	-3,2	-2,5	-1,8	-1,4	-1,1	-1,0
Uruguai	-4,0	-4,1	-4,3	-4,0	-3,2	-2,5	-1,5	-1,0
Venezuela	-1,6	-1,8	-4,4	-6,3	-7,4	-1,9	-1,6	-3,3
Republica Dominicana	-4,0	-4,1	-4,3	-4,0	-3,2	-	-	-
Ásia e Pacífico	-4,3	-4,4	-4,2	-4,1	-3,6	-3,2	-1,4	-1,4
China	-4,0	-3,6	-3,1	-3,3	-2,8	-2,2	-0,7	-0,7
Índia	-5,5	-5,7	-6,2	-6,1	-5,3	-5,5	-4,3	-4,0
Europa Central e Leste Europeu	-5,0	-4,6	-6,8	-6,5	-4,8	-5,2	0,3	-0,5
Rússia	-4,2	0,8	2,7	1,3	1,5	3,7	4,5	2,8

Fonte: FMI

Nota: As projeções para 2005 e 2006 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 11 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Pública - % do PIB						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>46,3</b>	<b>43,9</b>	<b>43,9</b>	<b>46,2</b>	<b>48,6</b>	-
União Européia	50,2	47,7	47,3	48,7	50,1	-
Japão	53,5	59,1	65,1	71,4	76,2	81,2
Estados Unidos	44,3	39,0	38,0	40,8	42,8	44,3
Canadá	53,5	44,8	40,5	37,9	34,3	32,2
Reino Unido	39,8	36,9	33,5	34,3	34,7	37,0
Zona do Euro	54,1	52,3	52,7	55,0	56,1	56,7
Alemanha	45,5	42,5	44,2	48,4	53,2	57,4
França	33,6	34,9	36,7	42,3	44,0	44,4
Itália	104,6	99,1	98,9	98,6	97,2	95,6
<b>Países em Desenvolvimento</b>	-	-	-	-	-	-
África	-	-	-	-	-	-
América Latina e Caribe	-	-	-	67,0	-	-
Argentina	44,2	47,2	62,2	127,7	139,6	125,8
Bolívia	71,3	58,8	53,7	61,6	73,0	73,8
Brasil	49,2	49,4	52,6	55,9	57,2	51,7
Chile	40,1	41,7	42,9	43,4	40,2	35,5
Colômbia	39,8	36,9	44,3	50,3	52,3	53,0
Equador	100,6	91,4	70,2	58,2	53,2	47,2
México	19,3	19,0	19,7	20,3	20,7	19,4
Paraguai	31,9	34,0	38,4	49,7	49,4	43,2
Peru	19,3	19,0	19,7	20,3	20,7	19,4
Uruguai	31,1	35,7	42,8	85,1	105,3	88,4
Venezuela	29,3	27,2	30,4	42,7	45,9	39,0
República Dominicana	26,9	26,1	23,8	20,9	-	-
Ásia e Pacífico	-	-	-	-	-	-
China	6,1	8,6	10,4	13,2	13,3	-
Índia	52,7	56,5	57,6	60,6	62,2	-
Europa Central e Leste Europeu	-	-	-	-	-	-
Rússia	88,1	62,2	49,4	42,0	34,8	-

Fonte: FMI, Economist, BBVA, CEPAL, OECD



Tabela 12 - Indicadores macroeconômicos

Dívida Externa - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E
América Latina e Caribe	752,0	728,1	734,1	723,1	748,1	752,0
Argentina	152,6	155,0	166,3	156,7	165,0	172,8
Bolívia	4,6	4,5	4,4	4,3	5,0	5,0
Brasil	225,6	216,9	209,9	210,7	214,9	201,4
Chile	34,8	37,2	38,5	40,7	43,4	43,8
Colômbia	36,7	36,1	39,1	37,3	38,1	39,6
Equador	16,3	13,6	14,4	16,3	16,6	17,0
México	166,4	148,7	144,5	134,7	132,0	130,5
Paraguai	2,7	2,8	2,7	2,9	3,1	3,0
Peru	28,6	28,0	27,2	27,9	29,6	31,1
Uruguai	8,3	8,9	8,9	10,5	11,0	11,6
Venezuela	37,0	36,4	35,4	35,5	39,7	44,5
Republica Dominicana	3,7	3,7	4,2	4,5	6,0	6,4

Fonte: CEPAL

Tabela 13 - Indicadores macroeconômicos

Exportação - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>5.482,4</b>	<b>5.926,6</b>	<b>5.693,5</b>	<b>5.904,4</b>	<b>6.762,7</b>	<b>7.944,8</b>
União Européia	2.237,0	2.316,0	2.315,0	2.449,0	2.901,0	-
Japão	419,4	479,2	403,5	416,7	472,0	538,8
Estados Unidos	702,1	781,1	730,8	683,9	723,6	817,9
Canadá	238,5	276,6	259,9	252,4	272,1	316,5
Reino Unido	272,2	285,4	272,7	280,2	320,1	348,4
Zona do Euro	2.225,7	2.268,9	2.308,4	2.460,1	2.945,2	3.445,3
Alemanha	543,5	551,8	571,7	615,8	748,5	911,7
França	325,5	327,6	323,4	331,7	358,1	410,7
Itália	235,6	240,5	244,5	254,4	299,5	349,1
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1.618,8</b>	<b>2.178,0</b>	<b>-</b>
África	116,6	146,7	137,7	140,1	173,0	-
América Latina e Caribe	299,4	359,1	343,3	346,8	377,3	463,6
Argentina	23,3	26,4	26,7	25,7	29,6	34,5
Bolívia	1,1	1,2	1,3	1,3	1,6	2,1
Brasil	48,0	55,1	58,2	60,4	73,1	96,5
Chile	17,2	19,2	18,5	18,2	21,5	32,0
Colômbia	11,6	13,0	12,3	12,3	13,8	17,2
Equador	4,5	4,9	4,7	5,2	6,2	7,8
México	136,4	166,4	158,5	161,0	164,8	188,0
Paraguai	0,7	0,9	1,0	1,9	2,2	2,7
Peru	6,1	7,0	7,1	7,7	9,1	12,6
Uruguai	2,2	2,3	2,1	1,9	2,3	3,0
Venezuela	20,2	31,8	27,4	26,8	27,2	38,7
República Dominicana	5,1	5,7	5,3	5,2	5,5	5,8
Ásia e Pacífico	1.546,0	1.831,8	1.671,8	1.803,1	1.901,0	-
China	194,9	249,2	266,1	325,6	438,2	593,3
Índia	36,7	45,2	44,3	52,5	63,0	69,2
Europa Central e Leste Europeu	101,6	116,0	129,4	148,1	192,0	-
Rússia	74,7	103,0	100,7	100,4	133,7	180,9
<b>Total</b>	<b>7.032,3</b>	<b>7.828,3</b>	<b>7.567,0</b>	<b>7.936,3</b>	<b>9.216,1</b>	<b>11.068,9</b>

Fonte: World Trade Organization, CEPAL, Comtrade, CIA

Tabela 14 - Indicadores macroeconômicos

Importação - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>5.480,4</b>	<b>6.073,7</b>	<b>5.817,0</b>	<b>5.999,9</b>	<b>6.879,5</b>	<b>8.141,9</b>
União Européia	2.263,0	2.405,0	2.358,0	2.447,0	2.920,0	-
Japão	311,3	379,5	349,1	337,6	383,0	401,8
Estados Unidos	1.059,4	1.259,3	1.179,2	1.202,4	1.305,1	1.525,3
Canadá	220,2	244,8	227,3	227,5	240,2	273,4
Reino Unido	324,9	343,8	333,0	346,3	399,5	461,1
Zona do Euro	2.120,2	2.219,4	2.207,0	2.291,0	2.768,3	3.252,7
Alemanha	474,3	497,2	486,1	490,3	601,8	718,1
França	315,7	338,9	328,6	329,3	362,5	431,0
Itália	220,3	238,8	236,2	247,0	297,5	351,1
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>1.441,5</b>	<b>1.963,0</b>	<b>-</b>
África	127,7	129,6	132,1	135,1	166,0	-
América Latina e Caribe	306,2	355,6	347,2	322,8	333,2	405,4
Argentina	25,5	25,2	20,3	8,5	13,1	21,2
Bolívia	1,8	1,8	1,7	1,8	1,6	1,9
Brasil	51,7	58,6	58,4	47,2	48,3	62,8
Chile	16,0	18,5	17,8	15,8	18,0	23,0
Colômbia	10,7	11,5	12,8	12,1	13,3	15,9
Equador	3,0	3,7	5,4	6,2	6,3	7,5
México	148,6	182,7	176,2	168,7	170,5	196,8
Paraguai	1,9	2,2	2,2	2,1	2,5	3,1
Peru	7,4	7,4	7,3	7,4	8,3	9,8
Uruguai	3,4	3,5	3,1	1,9	2,1	3,0
Venezuela	14,1	16,2	18,0	13,4	10,7	17,3
Republica Dominicana	8,0	9,5	8,8	8,8	7,6	7,8
Ásia e Pacífico	1.354,4	1.662,9	1.544,8	1.640,9	1.739,0	-
China	165,7	225,1	202,0	295,2	412,8	561,2
Índia	49,7	51,4	51,9	61,1	77,2	89,3
Europa Central e Leste Europeu	130,2	146,7	159,4	177,2	226,0	-
Rússia	40,4	45,5	41,5	42,1	57,4	75,0
<b>Total</b>	<b>6.982,3</b>	<b>7.823,3</b>	<b>7.593,7</b>	<b>7.900,6</b>	<b>9.149,9</b>	<b>10.987,5</b>

Fonte: World Trade Organization, CEPAL, Comtrade, CIA

Tabela 15 - Indicadores macroeconômicos

Saldo da Balança Comercial - US\$ Bilhões								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E	2005 P	2006 P
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>2,0</b>	<b>-147,1</b>	<b>-123,5</b>	<b>-95,5</b>	<b>-116,8</b>	<b>-95,1</b>	<b>-239,4</b>	<b>-228,0</b>
União Européia	-26,0	-89,0	-43,0	2,0	-19,0	173,0	-	-
Japão	108,1	99,7	54,4	79,2	89,0	137,0	79,0	97,0
Estados Unidos	-357,3	-478,2	-448,4	-518,6	-581,5	-707,4	-710,5	-761,7
Canadá	18,3	31,9	32,6	24,9	31,9	43,1	39,4	49,7
Reino Unido	-52,7	-58,4	-60,3	-66,1	-79,4	-112,7	-77,4	-83,5
Zona do Euro	105,5	49,5	101,4	169,1	176,9	192,6	172,9	184,0
Alemanha	69,2	54,6	85,6	125,5	146,7	193,6	150,3	166,9
França	9,8	-11,3	-5,2	2,4	-4,4	-20,3	-8,0	-0,7
Itália	15,3	1,7	8,3	7,4	2,0	-2,0	-9,6	-14,8
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>177,3</b>	<b>215,0</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
Africa	-11,1	17,1	5,6	5,0	7,0	-	-	-
América Latina e Caribe	-6,8	3,5	-3,9	24,0	44,1	58,2	72,8	47,7
Argentina	-2,2	1,2	6,3	17,2	16,5	13,3	9,8	7,1
Bolívia	-0,7	-0,6	-0,4	-0,5	0,0	0,2	-	-
Brasil	-3,7	-3,5	-0,2	13,2	24,8	33,7	32,7	24,4
Chile	1,2	0,7	0,7	2,4	3,5	9,0	7,9	5,3
Colômbia	0,9	1,5	-0,6	0,2	0,5	1,4	1,2	-1,2
Equador	1,4	1,2	-0,7	-1,0	-0,1	0,3	-	-
México	-12,3	-16,3	-17,6	-7,6	-5,8	-8,8	-13,0	-15,6
Paraguai	-1,2	-1,3	-1,2	-0,3	-0,3	-0,4	-	-
Peru	-1,3	-0,4	-0,2	0,3	0,8	2,8	2,9	2,6
Uruguai	-1,1	-1,2	-1,0	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0
Venezuela	6,1	15,6	9,4	13,4	16,5	21,4	22,6	18,6
Republica Dominicana	-2,9	-3,8	-3,5	-3,7	-2,1	-2,0	-	-
Ásia e Pacífico	191,6	168,9	127,0	162,2	162,0	-	-	-
China	29,2	24,1	64,1	30,4	25,4	32,1	66,4	90,9
Índia	-13,0	-6,2	-7,6	-8,6	-14,2	-20,1	-34,2	-35,9
Europa Central e Leste Europeu	-28,6	-30,7	-30,0	-29,1	-34,0	-	-	-
Rússia	34,3	57,5	59,2	58,3	76,3	105,9	-	-
<b>Total</b>	<b>50,0</b>	<b>5,0</b>	<b>-26,7</b>	<b>35,7</b>	<b>66,2</b>	<b>-</b>	<b>91,2</b>	<b>54,0</b>

Fonte: World Trade Organization, CEPAL, Comtrade, CIA

Nota: As projeções para 2005 e 2006 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 16 - Indicadores macroeconômicos

Saldo em Conta Corrente - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>-108,1</b>	<b>-250,9</b>	<b>-201,6</b>	<b>-218,1</b>	<b>-231,9</b>	<b>-327,8</b>
União Européia	-17,1	-73,0	-20,1	24,7	3,0	-6,0
Japão	114,5	119,6	87,8	112,6	136,2	171,8
Estados Unidos	-296,8	-413,5	-385,7	-473,9	-530,7	-665,9
Canadá	1,7	19,7	16,1	14,4	17,0	26,0
Reino Unido	-39,5	-36,5	-32,2	-26,4	-30,6	-47,0
Zona do Euro	30,5	-28,5	13,1	53,5	25,8	35,6
Alemanha	-24,0	-25,7	1,6	43,1	51,8	96,4
França	42,0	18,0	21,5	14,5	5,0	-5,4
Itália	8,1	-5,8	-0,7	-6,7	-21,9	-24,8
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>-17,4</b>	<b>88,2</b>	<b>40,8</b>	<b>85,0</b>	<b>149,1</b>	<b>246,6</b>
Africa	-15,3	6,5	-1,3	-8,0	-1,7	1,1
América Latina e Caribe	-54,7	-46,3	-51,5	-13,5	7,9	18,0
Argentina	-11,9	-9,0	-3,9	8,7	7,4	3,0
Bolívia	-0,5	-0,4	-0,3	-0,4	0,0	0,3
Brasil	-25,4	-24,2	-23,2	-7,6	4,2	11,7
Chile	0,1	-0,9	-1,1	-0,6	-1,1	1,4
Colômbia	0,7	0,7	-1,1	-1,3	-1,0	-1,0
Equador	0,8	0,8	0,0	-1,4	-0,5	-0,2
México	-14,0	-18,2	-18,2	-13,3	-8,5	-7,4
Paraguai	-0,2	-0,2	-0,3	0,1	0,1	0,0
Peru	-1,5	-1,6	-1,2	-1,1	-0,9	0,0
Uruguai	-0,5	-0,6	-0,5	0,4	-0,1	-105,0
Venezuela	2,1	11,9	2,0	7,6	11,4	13,8
Republica Dominicana	-0,4	-1,0	-0,8	-0,8	1,0	1,4
Ásia e Pacífico	48,7	46,3	40,8	72,2	85,8	103,3
China	15,9	20,5	17,4	35,4	45,9	70,0
Índia	-3,2	-4,6	1,4	7,1	6,9	2,1
Europa Central e Leste Europeu	-26,6	-32,7	-16,6	-24,5	-37,0	-50,6
Rússia	22,2	44,6	33,4	30,9	35,4	59,6
<b>Total</b>	<b>-125,5</b>	<b>-162,7</b>	<b>-160,8</b>	<b>-133,1</b>	<b>-82,8</b>	<b>-81,2</b>

Fonte: FMI

Tabela 17 - Indicadores macroeconômicos

Saldo em Conta Corrente - % do PIB								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E	2005P	2006P
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>-0,4</b>	<b>-1,0</b>	<b>-0,8</b>	<b>-0,8</b>	<b>-0,8</b>	<b>-1,0</b>	<b>-1,4</b>	<b>-1,6</b>
União Européia	-0,2	-0,9	-0,2	0,3	0,0	0,0	-	-
Japão	2,6	2,5	2,1	2,8	3,2	3,7	3,4	3,5
Estados Unidos	-3,2	-4,2	-3,8	-4,5	-4,8	-5,7	-6,2	-6,4
Canadá	0,3	2,7	2,3	2,0	2,0	2,6	1,8	1,7
Reino Unido	-2,7	-2,5	-2,3	-1,7	-1,7	-2,2	-2,4	-2,6
Zona do Euro	0,5	-0,5	0,2	0,8	0,3	0,4	0,5	0,5
Alemanha	-1,1	-1,4	0,1	2,2	2,2	3,6	3,9	3,8
França	2,9	1,4	1,6	1,0	0,3	-0,3	-1,0	-0,8
Itália	0,7	-0,5	-0,1	-0,6	-1,5	-1,5	-1,8	-1,8
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>-0,3</b>	<b>1,4</b>	<b>0,7</b>	<b>1,3</b>	<b>2,1</b>	<b>2,9</b>	<b>3,1</b>	<b>2,5</b>
Africa	-3,6	1,5	-0,3	-1,7	-0,3	0,2	2,0	1,4
América Latina e Caribe	-3,2	-2,4	-2,8	-0,9	1,2	0,5	0,2	-0,5
Argentina	-4,2	-3,2	-1,4	8,5	5,8	2,0	0,6	-0,8
Bolívia	-5,9	-5,3	-3,4	-4,2	0,4	2,7	2,6	2,4
Brasil	-4,8	-4,0	-4,6	-1,7	0,8	1,9	1,2	0,4
Chile	0,1	-1,2	-1,6	-0,9	-1,6	1,5	0,7	-0,9
Colômbia	0,8	0,9	-1,4	-1,7	-1,5	-1,1	-1,3	-2,0
Equador	4,6	5,3	0,0	-4,9	-1,7	-0,5	0,4	0,0
México	-2,9	-3,1	-2,9	-2,1	-1,3	-1,3	-1,3	-1,6
Paraguai	-2,1	-2,1	-3,9	2,3	2,5	1,3	0,2	0,0
Peru	-2,8	-2,9	-2,2	-2,0	-1,8	-0,1	0,0	-0,5
Uruguai	-2,4	-2,8	-2,9	1,6	0,7	-0,3	-0,6	-1,1
Venezuela	2,2	10,1	1,6	8,2	13,6	13,5	12,6	8,5
República Dominicana	-2,4	-5,1	-3,4	-3,7	6,3	5,8	2,0	0,5
Ásia e Pacífico	2,4	2,1	1,8	2,9	3,1	3,3	3,4	3,1
China	1,6	1,9	1,5	2,8	3,2	4,2	4,9	4,9
Índia	-0,7	-1,0	0,3	1,4	1,2	0,3	-0,6	-0,5
Europa Central e Leste Europeu	-4,3	-5,3	-2,7	-3,6	-4,4	-5,0	-1,0	-0,8
Rússia	11,3	17,2	10,9	9,0	8,2	10,2	11,8	9,6

Fonte: FMI, Economist, Citigroup.

Nota: As projeções para 2005 e 2006 são médias das tabelas de previsões das instituições.

Tabela 18 - Indicadores macroeconômicos

Ingressos de Investimento Externo Direto - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E
<b>Países Desenvolvidos</b>	<b>828,4</b>	<b>1.108,0</b>	<b>571,5</b>	<b>489,9</b>	<b>366,6</b>	<b>321,0</b>
União Européia	479,4	671,4	357,4	374,0	295,2	165,0
Japão	12,7	8,3	6,2	9,2	6,3	7,0
Estados Unidos	283,4	314,0	159,5	62,9	29,8	121,0
Canadá	24,7	66,8	27,5	21,0	6,6	12,0
Reino Unido	88,0	118,8	52,6	27,8	14,5	55,0
Zona do Euro	-	-	-	-	-	-
Alemanha	56,1	198,3	21,1	36,0	12,9	49,0
França	46,5	43,3	50,5	48,9	47,0	35,0
Itália	6,9	13,4	14,9	14,5	16,4	15,0
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>231,9</b>	<b>252,5</b>	<b>219,7</b>	<b>157,6</b>	<b>172,0</b>	<b>255,0</b>
África	11,6	8,7	19,6	11,8	15,0	20,0
América Latina e Caribe	107,4	97,5	88,1	51,4	49,7	69,0
Argentina	24,0	10,4	2,2	0,8	0,5	-
Bolívia	1,0	0,8	0,8	1,0	0,2	-
Brasil	28,6	32,8	22,5	16,6	10,1	16,0
Chile	8,8	4,9	4,2	1,9	3,0	6,0
Colômbia	1,5	2,4	2,5	2,1	1,8	-
Equador	0,6	0,7	1,3	1,3	1,6	-
México	13,2	16,6	26,8	14,7	10,8	18,0
Paraguai	0,1	0,1	0,1	0,0	0,1	-
Peru	1,9	0,8	1,1	2,2	1,4	-
Uruguai	0,2	0,3	0,3	0,2	0,3	-
Venezuela	2,9	4,7	3,7	0,8	2,5	-
República Dominicana	1,3	1,0	1,1	0,9	0,3	-
Ásia e Pacífico	112,9	146,2	112,0	94,5	107,3	166,0
China	40,3	40,7	46,9	52,7	53,5	62,0
Índia	2,2	2,3	3,4	3,4	4,3	6,0
Europa Central e Leste Europeu	26,5	27,5	26,4	31,2	21,0	36,0
Rússia	3,3	2,7	2,5	3,5	1,1	10,0
<b>Total</b>	<b>1.086,8</b>	<b>1.388,0</b>	<b>817,6</b>	<b>678,8</b>	<b>559,6</b>	<b>612,0</b>

Fonte: UNCTAD

Tabela 19 - Indicadores macroeconômicos

Reservas - US\$ Bilhões						
	1999	2000	2001	2002	2003	2004E
<b>Países Desenvolvidos</b>	-	-	-	-	-	-
União Européia	-	-	-	-	-	-
Japão	286,9	354,9	395,2	461,2	663,3	829,4
Estados Unidos	60,5	56,6	57,6	68,0	74,9	87,0
Canadá	28,1	31,9	34,0	37,0	36,2	36,4
Reino Unido	35,9	43,9	37,3	39,4	41,9	43,1
Zona do Euro	256,8	242,3	234,5	246,5	234,8	-
Alemanha	61,0	56,9	51,3	51,2	50,7	53,5
França	39,7	37,0	31,7	28,4	30,2	39,4
Itália	22,4	25,6	24,4	24,5	34,5	31,9
<b>Países em Desenvolvimento</b>	<b>725,9</b>	<b>815,4</b>	<b>910,5</b>	<b>1.088,1</b>	<b>1.412,6</b>	<b>1.711,2</b>
África	42,4	54,5	64,8	72,6	87,0	113,8
América Latina e Caribe	158,7	160,3	161,6	147,0	179,0	-
Argentina	26,3	25,1	14,9	10,4	14,1	19,6
Bolívia	0,9	0,8	0,8	0,5	0,7	0,7
Brasil	23,9	31,5	35,8	37,7	49,3	52,7
Chile	14,4	15,0	14,2	15,4	15,9	16,0
Colômbia	8,0	8,9	10,2	10,8	10,9	13,5
Equador	1,6	0,9	0,8	0,7	0,8	1,1
México	31,8	35,5	44,7	50,6	59,0	61,5
Paraguai	1,0	0,8	0,7	0,6	0,9	0,9
Peru	8,7	8,4	8,6	9,6	10,2	12,6
Uruguai	2,1	2,5	2,9	0,8	1,9	2,3
Venezuela	12,3	13,1	18,5	14,8	21,3	24,1
Republica Dominicana	6,9	6,3	11,0	8,3	4,9	-
Ásia e Pacífico	307,7	321,8	380,4	496,9	670,1	850,4
China	158,3	168,9	212,2	286,4	403,3	609,9
Índia	33,2	38,4	46,4	68,2	99,5	117,1
Europa Central e Leste Europeu	94,9	97,3	98,9	132,0	160,9	170,3
Rússia	9,1	24,8	33,1	44,6	73,8	93,9

Fonte: Banco Central do Brasil, FMI, OECD, Brazil Trade Net, Economist, BBVA.



## OUTROS INDICADORES ECONÔMICOS

Tabela 20 - Indicadores econômicos

Preços Médios de Commodities: 2002 a 2005										
	Unidade	2002	2003	2004 <sup>1</sup>	04 T3	04 T4	05 T1	05 T2	mai/05	jun/05
<b>Alimentos</b>										
Cereais										
Trigo	\$/MT	149	146	157	148	154	152	142	144	142
Milho	\$/MT	99	105	112	102	94	97	96	95	98
Arroz	\$/MT	192	199	246	248	265	292	294	295	287
Cevada	\$/MT	109	105	99	92	92	91	92	89	93
Óleos vegetais e proteínas										
Soja	\$/MT	189	233	277	241	196	209	239	233	255
Farelo de soja	\$/MT	184	215	257	229	172	187	223	218	241
Óleo de soja	\$/MT	410	500	590	535	457	464	510	501	530
Óleo de palmeira	\$/MT	357	410	435	394	379	356	372	370	370
Óleo de coco	\$/MT	415	462	673	673	660	679	659	648	645
Farinha de peixe	\$/MT	646	650	693	665	683	707	696	696	682
Óleo de girassol	\$/MT	606	650	734	727	823	1116	1158	1161	1152
Óleo de oliva	\$/MT	2.901	3.797	4.631	4630	4681	5525	5493	5487	5371
Amendoim	\$/MT	655	856	910	910	910	910	762	758	727
Carne										
Bovina	cts/lb	95	90	114	125	118	118	120	121	120
Ovina	cts/lb	146	160	166	165	174	176	164	165	160
Suína	cts/lb	47	53	71	77	74	70	70	75	67
Aves	cts/lb	63	66	76	80	75	74	74	74	74
Frutos do mar										
Peixe	\$/kg	2,9	3,0	3,3	3,2	3,4	3,9	4,0	4,0	3,9
Camarão	\$/lb	12,1	11,5	10,4	10,0	9,6	10,9	9,8	9,5	9,3
Açúcar										
Mercado livre	cts/lb	6,2	6,9	7,5	8,2	8,8	9,0	8,7	8,5	9,0
Estados Unidos	cts/lb	21	21	21	20	20	21	21	22	21
EU	cts/lb	25	27	30	30	31	31	31	31	30
Banana	\$/MT	528	375	525	560	496	765	569	613	500
Laranja	\$/MT	565	683	855	944	774	831	1065	1096	935
<b>Bebidas</b>										
Café										
Outros suaves	cts/lb	60	64	80	76	91	121	125	126	120
Robusta	cts/lb	31	38	37	36	35	45	58	59	63
Cacau	\$/MT	1.779	1.753	1.551	1.612	1.607	1.678	1.545	1.509	1.539
<b>Metais</b>										
Cobre	\$/MT	1.560	1.779	2.863	2.855	3.093	3.265	3.387	3.242	3.530
Alumínio	\$/MT	1.351	1.433	1.719	1.710	1.834	1.902	1.788	1.741	1.732
Minério de ferro	cts/DMTU	29	32	38	38	38	47	65	65	65
Estanho	\$/MT	4.061	4.890	8.481	9.020	8.852	8.085	7.946	8.099	7.604
Níquel	\$/MT	6.783	9.630	13.821	14.030	14.078	15.406	16.418	17.002	16.113
Zinco	\$/MT	779	828	1.048	982	1.116	1.314	1.272	1.246	1.273
Chumbo	\$/MT	452	514	882	927	957	976	983	985	983
Urânio	\$/lb	9,8	11,2	18,0	18,1	20,3	21,2	26,8	28,3	29,0
<b>Energia</b>										
Spot cru (APSP <sup>2</sup> )	\$/bbl	25,0	28,9	37,8	40,6	42,7	46,1	50,8	47,8	53,9
U.K. Brent	\$/bbl	25,0	28,9	38,3	41,6	44,2	47,6	51,6	48,7	54,3
Dubai	\$/bbl	23,7	26,7	33,5	36,1	35,6	41,1	47,7	45,0	51,0
West Texas Intermediate	\$/bbl	26,1	31,1	41,4	43,9	48,3	49,7	53,1	49,8	56,4
Gás natural										
Russo na Alemanha	\$/000M3	96,0	125,5	135,2	137,2	156,2	182,2	198,4	198,4	198,4
Indonésio no Japão (LNG)	\$/M3	93,1	104,8	123,9	126,7	141,2	128,9	148,1	148,1	148,1
EUA, doméstico	\$/000M3	121,0	197,8	212,7	198,1	229,8	227,3	250,0	233,1	258,6
Carvão										
Australiano	\$/MT	27,1	27,7	54,7	60,4	55,7	53,0	52,9	53,1	52,8
Sul-africano	\$/MT	26,0	30,0	54,7	64,4	58,2	47,8	46,8	44,9	49,1

<sup>1</sup> Número provisórios<sup>2</sup> Average Petroleum Spot Price. Média ponderada igualmente dos preços de UK Brent, Dubai e West Texas Intermediate

Fonte: FMI

Tabela 21 - Indicadores econômicos

Cotações de Moedas (em R\$)			
Mês	US\$	Euro	Libra
jan/04	2,85	3,60	5,20
fev/04	2,93	3,70	5,46
mar/04	2,91	3,57	5,32
abr/04	2,91	3,49	5,26
mai/04	3,10	3,71	5,52
jun/04	3,13	3,81	5,73
jul/04	3,04	3,74	5,60
ago/04	3,00	3,67	5,48
set/04	2,89	3,54	5,20
out/04	2,85	3,57	5,17
nov/04	2,79	3,63	5,20
dez/04	2,72	3,65	5,26
jan/05	2,69	3,55	5,07
fev/05	2,60	3,39	4,92
mar/05	2,70	3,57	5,16
abr/05	2,58	3,35	4,90
mai/05	2,45	3,14	4,59
jun/05	2,41	2,94	4,40
jul/05	2,37	2,86	4,16

Fonte: Banco Central do Brasil e BNDES.

Tabela 22 - Indicadores econômicos

Cotações de Moedas (em u.m./US\$)					
Mês	Peso argentino	Peso chileno	Peso colombiano	Peso mexicano	Peso uruguaio
jan/04	2,87	572,38	2.749	10,93	29,39
fev/04	2,91	584,31	2.718	11,01	29,53
mar/04	2,88	603,91	2.671	11,00	29,65
abr/04	2,81	608,19	2.636	11,25	29,65
mai/04	2,90	635,76	2.719	11,51	29,75
jun/04	2,94	643,18	2.717	11,38	29,74
jul/04	2,96	632,39	2.654	11,47	29,43
ago/04	2,99	635,93	2.599	11,40	28,95
set/04	2,97	616,20	2.552	11,49	28,04
out/04	2,95	607,28	2.581	11,39	27,17
nov/04	2,93	596,72	2.530	11,39	26,64
dez/04	2,95	576,17	2.417	11,21	26,53
jan/05	2,92	576,17	2.363	11,26	25,53
fev/05	2,90	573,58	2.340	11,15	24,81
mar/05	2,91	586,38	2.354	11,13	25,47
abr/05	2,88	580,61	2.353	11,13	25,18
mai/05	2,90	578,64	2.339	10,96	24,45
jun/05	2,89	585,12	2.332	10,82	24,21
jul/05	2,87	574,83	2.323	10,68	24,58

Fonte: BCRP e Mecon

Tabela 23 - Indicadores econômicos

Taxas de Juros (em % ao ano)						
Mês	TJLP	Selic (1)	TR (2)	Libor (3)		
				6 meses	12 meses	60 meses
jan/04	10,00	16,32	1,55	1,19	1,40	3,56
fev/04	10,00	16,30	0,64	1,12	1,41	3,46
mar/04	10,00	16,19	1,97	1,16	1,33	3,17
abr/04	9,75	15,96	1,11	1,26	1,56	3,66
mai/04	9,75	15,77	1,87	1,50	1,97	4,31
jun/04	9,75	15,80	2,13	1,78	2,32	4,40
jul/04	9,75	15,77	2,26	1,89	2,33	4,24
ago/04	9,75	15,86	2,32	1,94	2,30	4,11
set/04	9,75	16,09	2,09	2,08	2,35	3,87
out/04	9,75	16,41	1,41	2,21	2,46	3,82
nov/04	9,75	16,96	1,45	2,46	2,76	3,96
dez/04	9,75	17,50	2,66	2,70	3,00	4,05
jan/05	9,75	17,93	2,28	2,87	3,20	4,04
fev/05	9,75	18,47	1,36	3,02	3,35	4,15
mar/05	9,75	18,97	3,06	3,26	3,65	4,57
abr/05	9,75	19,32	2,55	3,38	3,75	4,56
mai/05	9,75	19,61	3,07	3,46	3,74	4,36
jun/05	9,75	19,75	3,48	3,60	3,81	4,19
jul/05	9,75	19,72	-	3,82	4,03	4,38

Fonte: Banco Central do Brasil e BNDES.

Nota: (1) Selic acumulada no mês anualizada; (2) Taxa Referencial do primeiro dia do mês anualizada; (3) Média

Tabela 24 - Indicadores econômicos

Índices de Ações em dólares (em pontos base)						
Mês	Bovespa (Brasil)	Dow Jones (EUA)	Nasdaq (EUA)	Merval (Argentina)	IGPA (Chile)	IPC (México)
jan/04	8.192	10.488	2.066	407,6	12,5	845
fev/04	7.480	10.584	2.030	382,3	12,5	897
mar/04	7.546	10.357	1.995	422,0	12,5	917
abr/04	7.508	10.229	1.920	407,5	12,3	941
mai/04	6.085	10.188	1.987	327,2	11,3	859
jun/04	6.465	10.435	2.048	313,8	11,4	893
jul/04	7.146	10.140	1.887	327,5	12,2	875
ago/04	7.423	10.174	1.838	316,2	12,6	883
set/04	7.850	10.080	1.897	350,0	13,5	929
out/04	8.206	10.027	1.975	402,7	14,3	977
nov/04	8.612	10.428	2.097	423,8	14,8	1.046
dez/04	9.422	10.800	2.178	431,8	15,6	1.116
jan/05	9.066	10.490	2.062	454,1	15,2	1.132
fev/05	10.181	10.766	1.052	512,0	15,7	1.220
mar/05	10.203	10.504	1.999	496,9	15,9	1.187
abr/05	9.895	10.193	1.922	470,3	16,1	1.105
mai/05	10.137	10.467	2.068	497,3	15,9	1.159
jun/05	10.543	10.275	2.057	504,0	16,1	1.236
jul/05	10.638	10.641	2.185	503,1	16,8	1.311

Fonte: Banco Central do Brasil e Mecon